

A memória de 1800 de Dantas Pereira

J. M. CURADO

(Universidade do Minho)

O texto que a seguir se publica foi amplamente comentado no nosso artigo «A utopia linguística de Dantas Pereira: da *escriptura pasigraphica* à impossível língua perfeita», publicado no número 11 desta mesma revista, reimpresso com pequenas alterações na *Revista Portuguesa de Humanidades*, 2 (1998), pp. 147-194, e 3 (1999), pp. 207-239, e muito mais desenvolvido no nosso livro *O Mito da Tradução Automática* (Braga, 2000). O feliz destino que estes trabalhos lograram¹ faz com que uma edição deste pequeno texto seja oportuna e segue-se à reprodução fac-similada do manuscrito do *Modelo de um Dicionário de Algebeira Poligloto e Pasigráfico*, de 1835.

Cada frase do texto da *Memória sobre um Projecto de Pasigrafia* remete para um universo erudito que não é facilmente acessível aos leitores contemporâneos. Esta edição tem os objectivos de identificar as figuras desse universo, de actualizar a pontuação e a ortografia e de apresentar uma versão do texto que possibilite que a sua mensagem possa ser facilmente apreendida. Foram tomadas duas liberdades a respeito do texto original. As notas que o Autor faz ao seu texto são longas e ricas em reflexão. Algumas delas continuam os argumentos apresentados no corpo do texto e não são notas de rodapé no sentido que esta designação possui hoje. Julgou-se melhor colocá-las no final do texto e seriar correctamente a sua numeração, o que não acontece no texto de 1800 por óbvio percalço de tipografia. São indicadas no corpo do texto com parêntesis. Todas as notas de rodapé são, pois, do presente editor. A segunda liberdade tem a ver com as citações que

¹ Ver, por exemplo, Pedro Calafate, «Gramática e Filosofia», in *História do Pensamento Filosófico Português*, vol. 3, *As Luzes* (Lisboa, Caminho, 2000), pp. 233-248. O livro *O Mito da Tradução Automática* mereceu uma generosa distinção do Prémio CES para Jovens Cientistas Sociais de Língua Oficial Portuguesa, de 2001, atribuído pela Universidade de Coimbra.

Dantas Pereira faz em línguas estrangeiras. Os textos originais passaram para nota de rodapé e foi colocado no corpo do texto uma tradução do presente editor. Estas liberdades não são habituais na edição de textos antigos. Justificam-se, porém, devido ao interesse em tornar este texto de mentalidade setecentista mais acessível a leitores apartados dois séculos da sua data de publicação.

**MEMÓRIA SOBRE UM PROJECTO DE PASIGRAFIA,
COMPOSTA E DEDICADA AO
SERENÍSSIMO² SENHOR INFANTE D. PEDRO CARLOS³**

Sereníssimo Senhor

Os multiplicados progressos de Vossa Alteza Real nas doutrinas com que têm sido cultivados os preciosíssimos, tanto como raros, dons intelectuais que Vossa Alteza Real recebeu da Mão Omnipotente, e com mais particularidade os grandes passos que Vossa Alteza Real tem dado naquela parte do Studio Atheneo⁴, por onde tenho tido a honra e

² Desconhece-se a razão para este título tão lírico. É provável que tenha sido escolhido devido à morte precoce da mãe, do pai e do avô paterno (D. Carlos III, Rei de Espanha) quando tinha pouco mais de dois anos de idade. Estas três mortes aconteceram apartadas por poucas semanas.

³ O nome completo de S. A. R. era o de Dom Pedro Carlos António Rafael José Javier Francisco Juan Nepomuceno Tomas de Villanueva Marcos Marcelino Vicente Ferrer Raymundo Nónato Pedro de Alcántara Fernando de Borbón y Bragança, Infante de Espanha e Portugal. Nasceu em Aranjuez, a 18 de Junho de 1786, e faleceu no Rio de Janeiro, a 4 de Julho de 1812. Era filho de Don Gabriel Antonio Francisco Javier Juan Nepomuceno José Serafin Pascual Salvador de Borbón, Infante de Espanha (Portici, 11 de Maio de 1752 - El Escorial, 23 de Novembro de 1788), e de Dona Maria Ana Vitória Josefa Francisca Xavier de Paula Antonieta Joana Domingas Gabriela de Bragança, Infanta de Portugal (Queluz, 15 de Dezembro de 1768 - El Escorial, 2 de Novembro de 1788). D. Pedro Carlos casou-se com Dona Maria Teresa Francisca de Assis Antónia Carlota Joana Josefa Xavier de Paula Micaela Rafaela Isabel Gonzaga de Bragança, Infanta de Portugal (Queluz, 1793 - Trieste, 1888), no Rio de Janeiro, a 13 de Maio de 1810. Eram vários os títulos de D. Pedro Carlos: Infante de Espanha e de Portugal, Almirante da Marinha Portuguesa, Cavaleiro da Ordem do Tosão de Ouro, Cavaleiro Grã-Cruz da Ordem de Carlos III, Grã-Prior (Castela e Leão) da Ordem dos Irmãos Hospitalários ou de S. João de Jerusalém (Malta), Cavaleiro da Ordem de Cristo, Cavaleiro da Ordem de Avis e Cavaleiro da Ordem da Torre e Espada.

⁴ D. Pedro Carlos tinha treze anos à data da publicação da *Memória*. O plano de estudos a que se refere Dantas Pereira é, pois, preparatório e liceal.

satisfação extrema de conduzi-lo, fazem-me ver assaz que Vossa Alteza Real não tem menos pelos sentimentos próprios a uma alma que vive, como pelos do herdado sangue que a vivifica, há-de continuar aos beneméritos das letras e artes aquela protecção e benigno acolhimento de que já foram devedores a seus Augustos Pais e Avôs⁵, de que o são hoje tão distintamente os meus compatriotas ao Soberano Príncipe seu tio⁶ que, talvez por a sua mão régia me liberalizar quanto possuo, não é menos acredor à minha gratidão, da qual tanto me gloria dar este público testemunho, do que à de Vossa Alteza Real por tantas atenções que lhe consagra, cuja profunda impressão na sublime alma de Vossa Alteza Real todos os dias noto com o maior prazer.

Se, pois, Vossa Alteza Real, pela força de suas qualidades naturais, pela de exemplos tão respeitáveis e próximos, e por zelo para com a bem entendida prosperidade daqueles entre quem sobressai tanto em superioridade civil, tem de ir estendendo sobre os verdadeiros filósofos aquelas vistas de distinção e protecção que não aviltam, sim elevam, sim fomentam e promovem o zelo das almas úteis e bem formadas, animar-me-ei eu a pretender um dos lugares que a poderosa e sábia mão de Vossa Alteza Real vai assinalar àqueles por quem a razão lhe fale?

Parecerei temerário, ou talvez prematuro, mas o respeito que ousa, desejando sinceramente não exceder os limites, é acaso culpado?

O meu carácter moral, patente aos olhos de Vossa Alteza Real, a qualidade de seu mestre, que tanto me honra e distingue, os progressos mesmos que Vossa Alteza Real tem comigo feito em francês, geografia, história e matemática, o zelo particular, enfim, com que o tenho servido, escrevendo eu mesmo sistemática, uniforme, e apropriadamente os compêndios por onde Vossa Alteza Real tem aprendido⁷, e isto a ponto

⁵ Os avôs de D. Pedro Carlos são, do lado paterno, D. Carlos III, Rei de Espanha (1716-1788), e Dona Maria Amália, Princesa de Saxe (1724-1760); e, do lado materno, D. Maria I, Rainha de Portugal (1734-1816), e D. Pedro III (1717-1786). A acção cultural de D. Carlos III foi especialmente notável.

⁶ O tio de D. Pedro Carlos é o Príncipe D. João, filho da Rainha D. Maria I e de D. Pedro III (1767-1826). O Príncipe D. João governou os negócios públicos desde 1792 em nome da mãe, devido à doença desta, e, a partir de 1799, governou o País em nome próprio, com o título de Príncipe Regente. É aclamado rei em 1816, com o nome de D. João VI. O Príncipe D. João era irmão de D. Maria Ana de Bragança, mãe do Infante D. Pedro Carlos.

⁷ Nenhum destes compêndios foi publicado e não sobreviveram. É provável que estejam na origem de investigações académicas, como a «Memória sobre certas somações sucessivas dos termos das séries aritméticas, aplicadas às soluções de diversas questões algébricas», in *Memórias de Matemática e Física da Real Academia das Ciências de Lisboa*, II (Lisboa, 1799), pp. 168-186; *Memória sobre o cálculo da latitude, onde se dá o*

de até me ver com muita singularidade unísono em um deles com estrangeiros célebres, todos estes ponderosos motivos não me desculparão de ousar oferecer a Vossa Alteza Real o fruto de alguns momentos que, durante os diversos e penosos, mas honradores e apetecíveis, cuidados da instrução de Vossa Alteza Real pude todavia distrair para meditações de outra espécie?

Enfim, Sereníssimo Senhor, não antecipe eu o juízo de Vossa Alteza Real, e sobre um trabalho de que Vossa Alteza Real forma tão clara ideia. Feliz, porém, se ele for julgado digno de honroso acolhimento, unirei esta nova mercê às muitas outras de que sou já e sempre serei devedor a Vossa Alteza Real.

Deus abençoe e prospere em Vossa Alteza Real os excelentes germes que em sua alma diviso com o maior júbilo, guardando a Sua Real Pessoa por muitos anos, como lhe pede e deseja,

De Vossa Alteza Real, o mais respeitoso servidor e mestre que, com a maior submissão, beija as suas mãos augustas,

José Maria Dantas Pereira

*

E assim, certamente, não só as línguas possam ser enriquecidas pelo seu mútuo comércio, como também delas poderão nascer aquelas bonitas coisas que existem em cada língua (tal como a Vénus de Apeles)⁸

(Bacon, *De augm. scient. lib. 6*)⁹

Pretender que uma língua viva se torne universal é coisa que basta para fazer impossível a oposição que experimentará sempre da parte da inércia e amor próprio de todas as outras, porquanto, aliás, se conheça precioso o uso geral de um só idioma, bem como o de uma

modo de fazer o dito cálculo (Lisboa, 1799); *Memória relativa ao cálculo dos eclipses das estrelas, Sol, e mais planetas, pela Lua* (Lisboa, 1799); *Tábuas que contêm os logaritmos dos números naturais desde 1 até 43200 calculados até à sétima casa decimal e precedidas pela sua explicação correspondente* (Lisboa, 1804); etc. A observação que se segue sobre a aproximação de ideias com estrangeiros célebres não teria sentido se Dantas Pereira se referisse apenas a compêndios escolares; pelo contrário, tem sentido se os estudos preparatórios para esses compêndios deram origem a estudos acadêmicos.

⁸ Epígrafe original: «Ita enim, et linguae mutuo commercio locupletari possint, et fiet ex iis, quae in singulis linguis pulchra sunt (tanquam Venus Apellis).»

⁹ O *De dignitate et augmentis scientiarum*, donde foi retirada esta citação, constitui uma versão latina alargada dos *The Two Books of Francis Bacon of the Proficiency*

única medida, de uma só moeda e mais semelhantes. Os Romanos, que iam conseguindo este grande fim, entre os muitos que se propuseram, levaram-no após a sua queda política, e com ele talvez a esperança mesmo de o vermos tão alto, pois ao menos entrou e entrará sempre um objecto semelhante na conta daqueles que o inalterável e preciso giro do mundo conglobera e metamorfoseia, assim como todas as coisas humanas onde podem empolgar o nosso capricho e carácter eternamente variáveis.

O vulgo, a quem todos os trabalhos que divergem de suas ideias restritas parecem até ridículos e em cujo poder reside, todavia, a decisão destas questões, menos se há-de submeter à morte de todos os idiomas existentes para introdução universal de um absolutamente novo, seja ele tão perfeito quanto o possam alcançar juízos humanos.⁽¹⁾ Em vão se lhe apresentará quantas utilidades ou facilidades traria consigo a adopção de um instrumento único que em todo o mundo servisse a fazer-nos entender reciprocamente. O homem que for estreito em relações dirá sempre: Importa-me apenas entender os meus vizinhos. Os que restarem, isto é, o menor número, obrigados a tratarem mais

and Advancement of Learning Divine and Humane (1605). Esta versão, supervisionada pelo próprio Bacon, foi publicada a 1623, 1635 e 1645. Cf. *The Works of Francis Bacon*, ed. James Spedding, Robert Leslie Ellis e Douglas Denon Heath, vol. 1 (Londres, Longman & Co., 1858 [Stuttgart-Bad Cannstatt, Friedrich Frommann Verlag und Günther Holzboog, 1963]), p. 654. É interessante verificar que, a respeito deste trecho, a edição de Spedding, Ellis e Heath faz uma observação crítica em que postula ter Bacon em mente «não a Vénus de Apeles, mas a Helena de Zêuxis» (nota 3, p. 654). Curiosamente, nenhum trabalho de Apeles ou de Zêuxis sobreviveu. Bacon não poderia ter visto nem Vénus, nem Helena, mas poderia ter dado um exemplo de beleza da Antiguidade que tivesse sobrevivido. O facto de não o ter feito é uma subtil ironia sobre a linguagem perfeita. As coisas bonitas da linguagem só existem na própria linguagem. Deste ponto de vista, a epígrafe de Bacon transmite um grande realismo: as coisas bonitas da linguagem, como a melhoria da comunicação entre os homens, são de realização difícil. A existência de uma antevisão das coisas bonitas da linguagem na própria linguagem é um sinal de que a sua obtenção não é impossível, apesar de difícil. Este realismo teria agradado indubitavelmente a Dantas Pereira.

Consta do frontispício de uma das edições compulsadas, com grande probabilidade (não existe evidência textual e a epígrafe não é acompanhada pela referência bibliográfica completa, como era, aliás, habitual na época), por Dantas Pereira o seguinte: Francisci Baconis // de Verulamio, // Vice-Comitis // Sancti Albani, // *De dignitate et augmentis // scientiarum*, // LIBRI IX. // AD REGEM SUUM. // Editio nova, cum Indice Rerum ac // Verborum locupletissimo. // Lugd. Batav. // *Apud Franciscum Moyardum et // Adrianum Wijngaerde*. // Anno 1645.

O trecho utilizado como epígrafe à totalidade do corpo do texto da *Memória* encontra-se nessa edição no Liber sextus, cap. I, p. 419.

íntima e frequentemente com os primeiros, sempre terão de receber a lei deles pois só a eles pertencem a soberania e o direito e a legislação da língua¹⁰. Menos numerosos, ignaros e, portanto, inertes são os que sabem as primeiras operações aritméticas, e talvez nunca adoptarão outro sistema de numeração, posto que mais vantajoso.⁽²⁾

Assim, vendo quase quimérico o projecto de uma língua universal, como alcançaremos facilitar nas hipóteses existentes e prováveis a comunicação recíproca dos diferentes povos, [e] o mais que as mesmas hipóteses podem permitir? Eis o fim do projecto seguinte.⁽³⁾ Nele recorro ao uso de uma cifra inteligível e clara, [o] terceiro dos métodos pasigráficos¹¹. Mas onde, todavia, difiro de quantos encontro publicados em usar de uma cifra que, sendo muito geral, prometendo ser cada vez mais por isso que já o é, e que se nos faz sumamente precisa, não careceremos de aprendê-la para este fim só, e com facilidade lhe atribuiremos um novo uso, com o qual, tornando-a de maior interesse, concorreremos a que receba considerável aumento de valor e universalidade.

Consiste em referir nos dicionários todas as palavras de um mesmo idioma aos únicos sinais mais geralmente difundidos numa nação do que qualquer língua estranha a ela, de mais universal conhecimento em toda a Europa, grande parte da América, África e Ásia, do que todos os idiomas de maior distinção. Sinais que, portanto, formam a base mais natural e fácil do nexos comum dos mesmos idiomas. Quais serão eles? Os números igualmente conhecidos de quantos têm adoptado a numeração árabe ou decimal. Com o que veríamos a um tempo

¹⁰ Em latim, no original: *penes quem arbitrium est, et jus, et norma loquendi*. Ligeira alteração de Horácio, *Arte Poética*, v. 72.

¹¹ É difícil precisar o significado de 'terceiro'. Dantas Pereira parece estar a referir-se a Joseph de Maimieux e a Thomas Northmore, baseado em notícias sobre os projectos destes autores publicadas nas revistas *Monthly Review* e *Annual Register*. Existe também a possibilidade de se estar a referir a autores como John Wilkins e Jean Delormel. Gaspar Schott é referido na *Carta a Silvestre Pinheiro Ferreira* de tal modo que duas obras suas parecem ter sido lidas muito tempo antes, nomeadamente *Técnicas Curiosas, Ou Melhor, Maravilhas da Arte Reunidas em Doze Tomos*, publicado em Nuremberga, em 1664, e *Curso de Esteganografia, Dividido em Oito Categorias, Pelas Quais, Além de Muitas Outras Coisas, e Até Coisas Agradáveis, se Explicam Novos Artíficos, Através dos Quais, Quaisquer Que Eles Sejam, ao Escrever Uma Sobre um Assunto Trivial, e em Qualquer Idiotismo (Seja Ele Qual For), É Possível na Ausência de Outro – Aliás Tenho Conhecimento de Artíficos Iguais, um Mistério Concebido pela sua Razão – Descobrir pela Suspeita do Segredo Escondido Coisas Semelhantes, e Até Escrita por Outros Com a Mesma Arte, Entender e Traduzir por Qualquer Língua* (Nuremberga, 1680). Vide infra notas 29, 34, 50, 54 e 65.

as letras simplificando e ampliando a representação e combinação das ideias de grandeza individualmente pelos números, e estes enunciando em geral, e servindo, por assim dizer, de um ponto de reunião a todas as diferentes complexões alfabéticas, que nos diversos idiomas do mundo indicam a mesma ideia.⁽⁴⁾

Os autores de dicionários formam uma classe de pessoas bem restrita e, portanto, de mais fácil união em quanto for cooperar para o bem de todos. Dirigindo-me, pois, a eles, desejava que tomando uma língua, ou morta, por evitar certas contendas, ou viva, a mais ampla, universal e bem discutida, constituíssem esta língua a unidade de todas, afectando a cada palavra do dicionário dela um número, talvez principiando por 1 na primeira palavra, e procedendo segundo a série dos números naturais.⁽⁵⁾ Feito isto, a qualquer palavra do dicionário de outro idioma agregariam o número da sua correspondente no primário, ou os números seguidos das frases enunciativas daquelas palavras que no tal idioma não têm um simples sinal equivalente, separados entre si, como as palavras compostas, por meio de pequenas linhas. Acrescendo, enfim, para cómodo maior, um dicionário onde aos números segundo a série natural deles correspondessem os sinónimos de todas as línguas mais universalmente conhecidas, ficaria o nosso projecto consumado.⁽⁶⁾

Para fazer mais sensível o referido, tomarei um caso particular, isto é, suporei que deixando as línguas grega e latina, por não serem tão amplas em termos técnicos de ofícios, artes e ciências como as modernas, cujo círculo, por me servir da expressão de Condillac¹², tem aumentado em proporção com o progresso dos conhecimentos que elas devem enunciar, escolhera entre todas para base a língua francesa¹³

¹² Étienne Bonnot de Condillac (1715-1780) é autor de *Essai sur l'origine des connaissances humaines* (1746); *Traité des systèmes* (1749); *Traité des sensations* (1754); *Traité des animaux* (1755); *La logique* (1780); e de *La langue des calculs* (1798).

¹³ O argumento que Dantas Pereira utiliza para justificar a eleição da língua francesa como modelo das línguas naturais é informado. Existiam muitas obras de qualidade nesta língua para tomar como dicionário de referência de uma língua natural de intermediação: Robert Estienne, *Dictionnaire françois-latin* (Paris, 1539, 1549); Jean Thierry, *Dictionnaire françois-latin* (Paris, 1564); Jean Nicot e Jacques Dupuys, *Dictionnaire françois-latin* (Paris, 1573); Jacob Stoer, *Grand Dictionnaire françois-latin* (Genebra, 1593, 1599, 1603); Jean Nicot, *Thresor de la langue françoise* (Paris, 1606); Pierre Marquis, *Grand dictionnaire françois-latin* (Lyon, 1609); Jacques Voultier, *Grand dictionnaire françois, latin et grec* (Lyon, 1612); Pierre Richelet, *Dictionnaire françois* (Genebra, 1680); Antoine Furetière, *Dictionnaire universel* (Haia e Roterdão, 1690); *Dictionnaire de l'Académie fran-*

por mais cultivada¹⁴ e geral, e haver dela um dicionário assaz respeitável, qual o composto pela academia¹⁵ da mesma nação.⁽⁷⁾ Tomando, pois, este dicionário⁽⁸⁾ e numerando-lhe as palavras segundo a série

çaise (Paris, 1694, 1718, 1740, 1762, 1798, 1835); G. Ménage, *Dictionnaire Étymologique ou Origines de la Langue Française* (1694); *Dictionnaire universel français et latin*, conhecido como *Dictionnaire de Trévoux* (Trévoux e Paris, 1704, 1721, 1743, 1752, 1771); *Dictionnaire portatif de la langue française, extrait du Grand dictionnaire de Pierre Richelet* (Liège, 1784); Jean-François Féraud, *Dictionnaire critique de la langue française* (Marselha, 1787-8).

Ver, a este respeito, Bernard Quemada, *Les dictionnaires du français moderne 1539-1863* (Paris, Didier, 1967).

¹⁴ Para além dos grandes dicionários franceses, existiam muitos outros de menor dimensão sobre vários pares de línguas e temáticos. A lista é muito vasta: Ambrogio Calepino, *Dictionarium* (1502), *Dictionnaire latin, grec, italien, français, espagnol* (1545), *Dictionnaire latin, grec, italien, français, espagnol, allemand* (1568), *Dictionnaire latin, grec, hébreu, italien, français, espagnol, allemand* (1570), *Dictionnaire latin, grec, hébreu, italien, français, espagnol, allemand, flamand* (1570), *Dictionnaire latin, grec, hébreu, italien, français, espagnol, allemand, flamand, anglais* (1580), *Dictionnaire latin, grec, hébreu, italien, français, espagnol, allemand, flamand, anglais, portugais, hongrois* (1585), *Dictionnaire latin, grec, hébreu, italien, français, espagnol, allemand, flamand, anglais, polonais, hongrois* (1588); Robert Estienne, *Dictionarium seu linguae latinae thesaurus* (1532); M. de la Porte, *Epithètes* (1571); C. Oudin, *Thrésor des deux langues français et espagnol* (1575), *Thrésor des III langues espagnol, français, italien* (1617), *Grand dictionnaire et thrésor des III langues français, flamand, espagnol* (1639), *Nomenclature française et espagnole* (1647), *Nouveau et ample dictionnaire trois langues (italien-français-allemand)* (1674); R. Cotgrave, *A Dictionarie of the french and english Tongues* (1611); Père Monet, *Inventaire des deux langues français-latin* (1635), *Nouveau et dernier dictionnaire français-latin* (1645); C. Lancelot, *Le jardin des racines grecques* (1657); B. Somaize, *Grand dictionnaire des préieuses* (1660); N. Duez, *Vray et parfait guidon de la langue française* (1662), *Dictionnaire français-allemand* (1664); Père Raymond, *Dictionnaire caraïbe-français* (1665); P. Richelet, *Dictionnaire de rimes dans un nouvel ordre* (1667), *Dictionnaire français contenant les mots et les choses* (1680, 1681, 1710, 1735); A. Furetière, *Essais d'un dictionnaire universel* (1684), *Dictionnaire universel* (1690); M. Ozanam, *Dictionnaire mathématique* (1691); P. Corneille, *Dictionnaire des arts et des sciences* (1694); C. Mauger, *Nouvelle grammaire et dialogues fr.-flamands* (1700); *Explication de divers termes français difficiles* (anónimo, eventualmente de P. Bouhours) (1700); P. Krottendorff, *Instruction pour les jardins fruitiers fr.-allemand, avec un petit dictionnaire des termes du jardinage plus utiles* (1700); D, de la Feuille, *Essay d'un dictionnaire de la connoissance du monde, des sciences* (1700); J. Richard, *Science universelle de la chaire* (1700); G. Veneroni, *Dictionnaire impérial italien, français, allemand, latin* (1700), *Dictionnaire italien-fr. et fr.-italien* (1710), *Nouveau dictionnaire de M. de Venutti (ital., fr., all.)* (1713), *Dictionnaire fr. et italien* (1724); *Nouveau dictionnaire français et latin* (1700), *Le maître italien* (1752); M. Bart, *Lexicon français polonais* (1701); G. de Maunory, *Grammaire et dictionnaire fr.-espagnol* (1701); N. Aubin, *Dictionnaire de marine (fr.-hollandais)* (1702); A. Boyer, *Dictionnaire français et anglois* (1702), *Royal dictionary abridged (fr.-angl., angl. fr.)* (1708); *Nouveau jeu de l'hombre (voc.)* (1702); S. de Brossard, *Dictionnaire de musique (grec, latin, italien, fr.)* (1703); M. Leigh, *Dictionnaire de la langue sainte* (1703); L. Liger,

natural dos números inteiros, formaríamos uma nova tabela dos mesmos números e, fazendo corresponder a cada um deles o português equivalente da palavra que ao tal número correspondia no dicionário

Dictionnaire général des termes d'agriculture (1703), *Dictionnaire pratique du bon ménager de campagne et de ville* (1715); *Proverbes choisis, explications étymologiques* (1703); N. e R. Lallemand, *Petit Apparat royal* (1704); F. Ragueau, *Glossaire du droit français* (1704); M. Besnier, *Jardinier botaniste (voc)* (1705); F. Sobrino, *Dic. nuevo de la lenguas española y fr.* (1705), *Dialogos nuevos en español y fr.* (1708), *Grammaire nouv. espagnole et fr. avec un petit dictionnaire* (1717); D. de Cordemoy, *Nouveau traité de l'architecture (voc.)* (1706); S. Bernard, *Dictionnaire des commençans fr. et latin* (1707); *Grand dictionnaire fr.-flamand formé sur Richelet* (1707); F. Halma, *Grand dictionnaire fr. et flamand* (1708), *Dictionnaire flamand et fr.* (1717); N. Chomel, *Dictionnaire économique* (1709), *Supplément au Dictionnaire œconomique* (1712); Père Joubert, *Dictionnaire fr. et latin* (1709); P. Pomey, *Droguier curieux* (1709), *Petit dictionnaire royal fr. et latin augmenté* (1710), *Syllabus lexicon lat., gall., graec* (1736); *Dictionnaire orateur fr.-latin-allemand* (1709); *Nouveau dictionnaire pour la traduction du latin et fr.* (1709); G. de Backer, *Dictionnaire des proverbes François* (1710); J. Boizard, *Traité des monnoyes (voc.)* (1711); P.-J. Brillon, *Dictionnaire des arrêts* (1711); G. Coivart, *Pratique de médecine et de médicaments, par ordre alphabétique* (1711); T. Delétanville, *New French dictionary (fr. angl., angl.-fr.)* (1711); P. Chomel, *Abrégé des plantes usuelles (voc.)* (1712); Père Gaudin, *Dictionnaire nouveau, ou abrégé des deux langues fr. et latine* (1712); H. Spiegel, *Glossaire suéd., lat., angl., fr.* (1712); Père Joubert, *Petit dictionnaire fr. et latin* (1713); M. Cramer, *Le vraiment parfait dictionnaire royal, radical... fr.-allemand* (1715); L. de Dangeau, *Principes du blazon (voc.)* (1715); C. Huré, *Dictionnaire universel de l'écriture sainte* (1715); *Dictionnaire des commençans fr.-lat.* (1715); N. Alexandre, *Dictionnaire botanique et pharmaceutique* (1716); S. Herbau, *Dictionnaire fr.-all.-lat. et all.-fr.-lat.* (1716); M. Lémery, *Dic. ou traité des drogues* (1698, 1716); C. J. de Ferrière, *Introduction à la pratique (voc. juridique)* (1717), *Dictionnaire des termes de pratique* (1734); P. Marin, *Dictionnaire complet fr. et hollandois* (1717); *Nouveau dictionnaire ou colloque fr.-breton* (1717); P. Danet, *Dictionnaire fr. et latin* (1718), *Grand dictionnaire fr. et latin* (1735), *Nouveau grand dictionnaire fr., lat., polonois* (1743); G. Girard, *Justesse de la langue fr. (traité de synonymes)* (1718); Ph. Leroux, *Dictionnaire comique, satyrique, critique, burlesque, libre et proverbial* (1718); *Académie universelle des jeux* (1718); F. Chales, *Dictionnaire universel de justice, police et finances* (1719); R. Dahunon, *Nouveau traité de la taille des arbres fruitiers, avec un dictionnaire des termes de jardinage* (1719); N. Magniez, *Novitus seu dictionarium latino-gallicum* (1721); *Dictionnaire des termes de marine* (1721); de Blégnay, *Orthographe fr.* (1723); C. Mouton, *Petit dictionnaire fr.-allemand* (1723); Père Pellas, *Dictionnaire provençal et fr.* (1723); J. Savary des Bruslons, *Dictionnaire universel de commerce* (1723); *Jeux de quadrille et quintille (voc.)* (1724); A. Antonini, *Dictionnaire italien, latin, fr.* (1725); F. Charles, *Dictionnaire universel de justice, police* (1725); J.-L. Frisch, *Nouveau dictionnaire des passagers (fr.-allemand)* (1725); M. Grandval, *Le vice puni de Cartouche (voc. argot)* (1725); Abbé Guyot des Fontaines, *Dictionnaire néologique* (1726); J. Fabre, *Generalis dictionarii lat.-gall.* (1726); Manavit, *Anthologie des dictionnaires fr. et latins, ou Calepin de la jeunesse* (1726); P. Compré, *Dictionnaire abrégé de la fable* (1727); P. Furetière, *Dictionnaire universel (dern. éd. augmentée)* (1727); Père Tachard, *Novum dictionarium latino-gallicum* (1727); S. Vaillant, *Botanicon parisiense ou Dénombrement par ordre alphabétique des plantes* (1727); *Dictionnaire des finances* (1727); F. de la Torre,

dito, resultaria em fim um vocabulário da nossa língua que poderíamos denominar universo-lusitano. Lançando agora mão de um dicionário vulgar da nossa mesma língua, iríamos ali buscando os termos suces-

Maestro de las dos lenguas (fr.-español) (1728); C. Thiboust, *Petit apparat royal ou nouveau dictionnaire fr.-latin* (1729); du Marsais, *Des Tropes ou des différents sens dans lesquels on peut prendre un même mot* (1730); N. Guertler, *Novum lex. univers. quator linguarum (lat., all., grec, fr.)* (1731); P. Rondeau, *Nouveau dictionnaire fr.-all., contenant tous les mots* (1731); F. Fortini, *Délices de la campagne (dic. chasse)* (1732); Père Gregoire, *Dictionnaire fr.-celtique ou fr.-breton* (1732); J. Guyot, *Dictionnaire médicinal* (1733); M. de la Guernière, *Ecole de cavalerie (voc.)* (1733); L. de Lima, *Diccionario fr. e portuguez* (1733); J. Serré de Rieux, *Dictionnaire de la chasse du cerf* (1734); J.-F. Bernard, *Roman de la rose* (1735), *Glossaire du Roman de la Rose* (1737); M. Pell, *Vocabulaire anglais, flamand, français et latin* (1735); E. Col. de Villars, *Recueil alphabétique de prognostics (voc. méd.)* (1736), *Dictionnaire fr.-latin des termes de médecine* (1741); G. Girard, *Synonymes français* (1736); P. Marin, *Dictionnaire portatif fr.-flamand* (1738); M. Soumille, *Grand Trictrac ou méthode facile (voc. de termes de jogo)* (1738, 1756); Voltaire, *Dictionnaire philosophique portatif* (1738); M. Langlois, *Dictionnaire des chasses* (1739); Ch. Leroy, *Traité de l'orthographe fr.* (1739); P. Restaut, *Nouveau petit dictionnaire avec entretiens flam.-fr.* (1740); *Introduction à la langue fr. (dic. fr.-flam.)* (1741); M. Delcampe, *Connoissance des chevaux (dic.)* (1741); M. Dreux du Radier, *Dictionnaire d'amour* (1741); A. de Garsault, *Nouveau parfait maréchal (dic.)* (1741); M. Jacquier, *Petit dictionnaire français* (1741); M. La Roche, *Secret de délier la langue* (1741); A. de la Chesnaye des Bois, *Dictionnaire militaire* (1742), *Supplément au dictionnaire militaire* (1746), *Dictionnaire universel d'agriculture et jardinage* (1751), *Dictionnaire militaire par M.A.D.L.C* (1751); A. Gaffet de la Briffardière, *Nouveau traité de vénerie (avec un dictionnaire)* (1743); G. Leblond, *Traité de la défense des places (voc.)* (1743); L. Armerie, *Dictionnaire fr.-breton ou fr.-celtique* (1744); M. Chamereau, *Dictionnaire nouveau danois, fr. latin* (1744); M. Trotz, *Nouveau dictionnaire fr., allemand et polonais* (1744); A. Antonini, *Dictionnaire it-lat.-fr. et fr.-lat.-it.* (1745); G. Edwards, *Histoire naturelle d'oiseaux peu communs (voc)* (1745); D. Moller, *Dictionnaire fr.-suédois* (1745), *Nouveau dictionnaire fr.-suéd. et suéd.-fr.* (1755); P. Van Hambach, *Nouveau petit dictionnaire fr. et flamand* (1745); R. James, *Dictionnaire universel de médecine, chirurgie, chymie* (1746); M. Ladmiral, *Petit dictionnaire du temps* (1746); F. de Marsy, *Dictionnaire abrégé de peinture et d'architecture* (1746); G. Bauclas, *Dictionnaire universel de jurisprudence* (1747); N. Lallemand, *Petit apparat royal (fr.-lat.)* (1747); A. Panckoucke, *Dictionnaire des proverbes et façons de parler* (1748); M. Planque, *Bibliothèque choisie de médecine (voc.)* (1748); Maître des langues orientales et occidentales (1748); A. Avron, *Dictionnaire des langues fr. et hollandoise* (1750); *Recueil de mots français, russes et allemands* (1750); M. Briand, *Dictionnaire des alimens, vins et liqueurs* (1750); Abbé Prévost, *Manuel lexique ou dictionnaire portatif* (1750), *Supplément au Manuel lexique* (1755); D. Chicaneau de Neuville, *Dictionnaire philosophique, ou introduction à la connoissance de l'homme* (1751); Diderot e D'Alembert, *Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences et des arts* (1751); M. Gilliers, *Cannaméliste français (voc.)* (1751); J. Lacombe, *Dictionnaire portatif des beaux-arts* (1752); Père Lepelletier, *Dictionnaire de la langue bretonne* (1752); *Coup d'œil des dictionnaires fr.* (1752); *Dictionnaire anglais-fr. et fr.-anglais* (1752); *Grammaire fr., recueil de mots fr.-russe* (1752); Ch. D'Aviler, *Dictionnaire, architecture civile et hydraulique* (1753); M.me Brun, *Essay d'un dictionnaire comtois-fr.* (1753); Th. Dyche, *Nouveau dictionnaire universel des arts et*

sivos do vocabulário precedente e aditando-lhes os números correspondentes aos mesmos termos¹⁶. Donde emanaria um vocabulário inverso

sciences (fr.-lat.-angl.) (1753); M. Gastelier de la Tour, *Dictionnaire étymologique d'architecture* (1753); M. Mésange, *Traité de charpenterie (voc.)* (1753); J. Peras, *Dictionnaire anatomique latin-fr.* (1753); A. Savérien, *Dictionnaire universel de mathématique et de physique* (1753); M. Tarin, *Dictionnaire anatomique latin-fr.* (1753); H. von Aphelen, *Dictionnaire en abrégé fr.-danois* (1754); J.-B. Bullet, *Dictionnaire celtique in Mémoires sur la langue celtique* (1754); P. Chompré, *Vocabulaire universel latin-fr.* (1754); F. Poetevin, *Nouveau dictionnaire suisse-fr.-allemand* (1754); *Système naturel du règne animal (voc.)* (1754); P.-A. Alletz, *Petit Trésor de la belle latinité* (1755), *Dictionnaire théologique portatif* (1756); A. Antonini, *Principes de Grammaire fr. avec un dictionnaire critique* (1755); M. Belidor, *Dictionnaire portatif de l'ingénieur* (1755); J. Bjorkegren, *Dictionnaire fr.-suédois et suédois-fr.* (1755); M. Duhamel du Monceau, *Traité des arbres et arbustes (voc.)* (1755); N. Eloy, *Dictionnaire historique de la médecine* (1755); P. Laugier, *Essai sur l'architecture, avec un dictionnaire des termes* (1755); M. Bartlet, *Le gentilhomme maréchal (voc.)* (1756); H. Lacombe de Prével, *Dictionnaire iconologique* (1756); M. La Curne de S.te-Palaye, *Dictionnaire historique de l'ancienne langue fr.* (1756); Père Le Brun, *Dictionnaire universel fr. et latin* (1756); M. O'Reilly, *Dictionnaire de la prononciation fr.-angl.* (1756); P. Richelet, *Dictionnaire portatif de la langue fr.* (1756); A. Roux, *Nouvelle encyclopédie portative ou tableau général des connaissances humaines* (1756); A. de Sauvages, *Dictionnaire languedocien-fr.* (1756); I. Weitenauer, *Modus addiscendi intra brevissimum* (1756); *Dictionnaire philosophique portatif* (1756); A. Albert, *Dictionnaire portatif des prédicateurs* (1757); J. Egger, *Nouveau dictionnaire allemand-fr. de l'ingénieur, de l'artilleur, du marin* (1757); Père Fabretti, *Abrégé de la Crusca (fr.-italien)* (1757); A.-J. Pernety, *Dictionnaire portatif de peinture et sculpture* (1757).

¹⁵ Dantas Pereira refere-se ao *Dictionnaire de l'Académie française*. Porém, não indica qual das edições deve ser tomada como referência. É provável que a de 1798 estivesse no seu espírito devido à sua relativa novidade no ano em que a *Memória* foi escrita.

¹⁶ Dantas Pereira não indica qual o dicionário de português da sua preferência, nem qual o dicionarista que mais considera. Porém, no texto *Modelo de um Dicionário de Algebeira Poligloto e Pasigráfico*, trinta e cinco anos posterior, nomeia de modo encomiástico Francisco Solano Constâncio (1777-1846). Constâncio é autor do *Novo Dicionário Portátil das Línguas Portuguesa e Francesa* (Paris, 1847, 1864, 1874, 1881); *Novo Mestre Inglês ou Gramática da Língua Inglesa para Uso dos Portugueses* (Paris, J. P. Aillaud, Monlon, 1860); *Nouveau dictionnaire portatif des langues française et portugaise* (Paris, 1820, 1837, 1874); *Gramática da Língua Inglesa: Novo Mestre Inglês* (Paris, 1885); *Nova Gramática da Língua Francesa* (Paris, 1831); *Nouvelle grammaire portugaise, à l'usage des français, divisée en six parties* (Paris, 1862); *Novo Dicionário crítico e etymologico da Lingua Portugueza* (1836); e da *Gramática Analítica da Língua Portuguesa* (Paris, 1831, 1855).

Para além de dicionarista e gramático, Constâncio dedicou-se ainda à história, com a *História do Brasil desde o seu Descobrimento por Pedro Álvares Cabral até à Abdicação do Imperador D. Pedro I* (Paris, 1839), e à economia política, com as *Leituras e Ensaios de Economia Política: 1808-1842* (Lisboa, Banco de Portugal, 1995).

É muito provável que Constâncio tenha merecido a atenção de Dantas Pereira devido aos laços comuns com o Brasil e com a marinha, como evidencia outra das obras do primeiro, *Remontrances des négocians du Brésil, contre les insultes faits au pavillon Portugais, et contre la saisie violente et tyrannique de plusieurs de leurs navires* (Paris, 1814).

daquele, o qual por isto poderia ser chamado lusitano-universal. Empregando com cada idioma um procedimento análogo, ficaria preenchido o preliminar trabalho preciso para o manejo prático do projecto.

Vê-se, pois, que os números se tornariam uns como índices ou expoentes gerais das vozes equivalentes nas diversas línguas, para que fossem feitos os ditos vocabulários ou dicionários. Julgando-lhes pouco mais ou menos 3000 vozes, supondo papel de oitavo e em cada página 240 palavras distribuídas em 4 colunas iguais, andaria cada vocabulário por 60 folhas, o que dará, quando muito, 2 linhas de grossura, especialmente supondo as colunas dos números arranjadas por um método semelhante ao que mostram as tábuas logarítmicas de Callet¹⁷, ou antes as de Taylor¹⁸. Vocabulários tais seriam sumamente portáteis¹⁹ e, por isso, outro tanto cómodos para transportar em qualquer jornada.

¹⁷ Jean-François Callet (1744-1799), *Tables portatives de Logarithmes* (Paris, 1795).

¹⁸ Brook Taylor (1685-1731) é autor do *Methodus incrementorum directa et inversa* (1715, 1717) e de *Linear Perspective* (1715). Membro da Royal Society of London desde 1712, ano em que fez parte da comissão que avaliou as pretensões rivais de Newton e de Leibniz à honra de um deles ter sido o primeiro a descobrir o cálculo matemático. Vide D. E. Smith, *History of Mathematics*, I (New York, Dover, 1958), pp. 451-2.

¹⁹ A preocupação pelo custo da feitura dos dicionários e pela sua portabilidade é reiterada no parágrafo 12 das Reflexões do *Modelo de um Dicionário de Algibeira Poligloto e Pasigráfico*: «Supondo, pois, que no dicionário se dê 50 francos ou 8000 réis pela composição de cada folha sobre o preço da composição e gravura no jornal, e que para a oficina, além do que lhe corresponde no jornal, se dê papel, as chapas e a tiragem das gravuras, observarei 1.º que os 8000 réis produzirão apenas 4 de aumento no custo de cada folha, sendo 2000 o número dos exemplares impressos; 2.º que nesta hipótese (a qual não me parece pecar por diminuta) o dicionário pode ser vendido por 2400 réis, correspondendo, assim, 240 réis a cada um dos dez e 140 a cada parte deles.»

O problema do custo da tradução terá uma posteridade longa. O aspecto material do custo foi substituído pelo aspecto computacional. Existe um limite computacional de custo insuportável na tradução. Suponha-se que a tradução acontece entre duas línguas com um léxico de mil termos cada uma. A língua de destino pode não ter recursos para expressar o significado dos termos da língua de origem. Um modo de melhorar esta situação é o de aumentar o léxico da língua de destino. Porém, este não é um almoço grátis. O tradutor perde tempo a procurar a acepção semântica mais correcta nas entradas do léxico de destino. O custo de tempo é aumentado devido às dificuldades de controlo de relevância e de decisão. Se uma entrada do léxico de destino tiver cinquenta significados para o termo, é necessário encontrar o mais relevante, comparar os mais plausíveis e decidir o melhor. Todas estas dificuldades são custos. Se o léxico de destino for desmesurado (mais de dez milhões de entradas, por exemplo), a tradução poderá não acontecer por tomar mais tempo do que o assunto merece, ou tomar mais tempo do que a vida de uma pessoa. Toda a tradução tem custos, e uns podem ser mais toleráveis do que outros.

Para as comunicações menores bastariam talvez os vocabulários das raízes das línguas, os quais ainda avultariam muito menos.

Com efeito, assim, quem quisesse fazer-se entender em um idioma prefixo, ou pessoalmente, ou remetendo escritas as suas ideias, poderia, se o ignorasse, suprir tudo, ou só por meio dos números, ou das palavras suas correspondentes na língua de que se tratar, já oferecendo-as, ou mandando-as copiadas, já mostrando-as no vocabulário próprio. E é quanto bastará em pequenas ou passageiras²⁰ correlações.⁽⁹⁾ As maiores sempre hão de ter lugar entre pessoas que saibam uma língua em comum ou possam aliás combinar-se por meio de intérpretes²¹ (10)

Do nosso projecto resultaria ainda que os nomes próprios dos produtos da natureza em cada país se tornariam de inteligência mais ampla, até quando não fossem reportados à nomenclatura, por assim dizer, privilegiada, mas de acepção conhecida em mais países, a qual, todavia, nestes casos viria a ser menos útil.

²⁰ As viagens são exemplos de situações em que as necessidades linguísticas são relativamente limitadas no tempo e no nível de exigência. Dantas Pereira insere-se neste ponto na rica tradição europeia de dicionários para viajantes, do popular *Dictionarium et colloquia octo linguarum, Latinae, Gallicae, Belgicae, Teutonicae, Hispanicae, Italicae, Anglicae, Portugallicae* (Antuérpia, 1662), elaborado a partir do dicionário de francês e flamengo de Noel van Barlemont (Amsterdão, 1530), até ao célebre *Manuel de conversation pour le voyageur, en quatre langues (Français, Allemand, Anglais, Italien)*, de Karl Baedeker (Leipzig, 1878). O seu *Dicionário de Algebeira Poligloto e Pasigráfico* (Paris, 1835) é um expoente desta tradição.

²¹ É curioso que no projecto de Dantas Pereira falte um argumento de continuidade entre situações de comunicação simples e situações complexas e duradouras. Esse argumento é absolutamente necessário porque, na sua falta, as situações complexas parecem possuir propriedades diferentes das propriedades das situações simples. Se isso acontecesse, todo o projecto da *Memória* estaria condenado, já que é apresentado como um vestíbulo de uma situação futura de melhores traduções e de melhor inteligibilidade entre falantes de diferentes línguas (a escolha da epígrafe de Bacon é um testemunho dessa situação futura). Se isso não acontecesse, as propriedades das situações complexas não são radicalmente diferentes das propriedades das situações simples. Deste ponto de vista, mais tarde ou mais cedo, o trabalho mental realizado por tradutores, intérpretes e falantes bilingues deverá ser expresso nos termos do projecto da *Memória*.

Apesar de não apresentar nenhum argumento ostensivo sobre a continuidade, o texto da *Memória* e da *Carta a Silvestre Pinheiro Ferreira* indicia a adopção tácita de uma teoria da continuidade entre actos linguísticos simples e actos linguísticos complexos. Não podia ser de outra forma. A nota 13 (vide infra) apresenta a melhora conjectura de continuidade, ao afirmar que cada indivíduo fala uma língua privada, ligeiramente diferente da língua privada de qualquer outro nativo dessa mesma língua. Esta conjectura poderia facilmente transformar-se num interessante argumento racional.

À palavra que tem diferentes significados faríamos unir os números que a estes correspondem na língua base e, assim, simplificariamos também muito certos dicionários cuja extensão nos fora aliás bem necessária.⁽¹¹⁾ Eis aqui a última vantagem que considero agora no projecto exposto, porque tanto basta ao meu intento. Omitindo, pois, os menores detalhes, além de outras ponderações que restam, limitar-me-ei a notar que a escrituração numeral admitiria a mesma pontuação e separações que a ordinária²². Não memorando que palavra nenhuma carecera então mais de 5 caracteres para ser transmitida ao papel e que, havendo de escrever números propriamente tais, um sublinhado, ou parêntesis, seriam bons sinais que designassem a nossa intenção.⁽¹²⁾ Finalizarei, pois, observando que a simplicidade do projecto me parece até sensível nas hipóteses referidas e cuido que o primeiro autor de dicionários que o executasse com o preciso acerto levaria após si todos os seus cooperários seguintes.

Ocorreriam ainda reflexões sobre o modo porque à fecundíssima imaginação do imortal Bacon se apresentou possível a marcha para uma linguagem universal²³. Porém, supondo mesmo praticáveis e prósperos os passos que nos aponta, é certo que o projecto mencionado seria um degrau útil e necessário para subir ao pavimento por onde conviria dirigir-nos. Eis o fim porque empregamos a nossa epígrafe, resumindo nela outra vantagem de que este mesmo projecto nos parece susceptível. Ao menos constituiria ela em si um como vestíbulo do gosto de uma linguagem universal, fazendo pressentir a maior número de gentes os precisos efeitos dela e facilitando mais a comparação dos diversos coloridos que se correspondem nas diferentes línguas, com o que coadjuvava a escolha do mais próprio e, por isso, de assentimento mais genérico.⁽¹³⁾

²² O verbo 'admitir' peca por defeito. O desenvolvimento posterior dos projectos de línguas artificiais e dos projectos de tradução automática mostrou que a sintaxe é necessária não apenas para imitar as línguas naturais mas para poupar os recursos expressivos. A sintaxe permite que o mesmo símbolo tenha valores semânticos diferentes. Isto constitui um ganho importante na simplicidade, e esta deve ser tida em conta porque os seres humanos têm limites cognitivos. Quantos mais símbolos tiverem de utilizar, menos eficiente será o sistema de comunicação ou de tradução. Por conseguinte, talvez o verbo 'exigir' fosse mais adequado.

²³ Sobre Bacon, vide Giulio Blasi, «Stampa e filosofia naturale nel XVII secolo: l' 'Abecedarium Novum Naturae' e i 'characteres reales' in Francis Bacon», *Versus*, 61-63 (1992), pp. 101-136; igualmente, o «Avant-propos» de Michèle Le Doeuff à tradução *Du progrès et de la promotion des savoirs (1605)* (Paris, Gallimard, 1991), pp. VII-LXVII; bem como Paolo Rossi, *Francesco Bacone: dalla magia alla scienza* (Turim, Einaudi, 1957).

Seja, enfim, permitido mencionar que uma grande parte deste projecto pode ser adaptável àqueles mesmos idiomas cuja estrutura difere consideravelmente dos mais conhecidos que mais tenho em vista e aos quais é segura e palpável a aplicação dele, como o francês, italiano, espanhol, português, etc.⁽¹⁴⁾ Pequenas modificações advertidas preliminarmente acabariam de sujeitar-lhe os primeiros [idiomas] cujo conhecimento nos interessa, aliás, muito menos. E, porventura, houvérámos conseguido bastante se principiássemos obtendo assim uma comunicação mais imediata e geral entre todos os indivíduos que falam os segundos [idiomas]²⁴.

É certo que em um modo tal de comunicação vai perdido o fio da analogia. entre os índices e os indicados, e entre os índices uns a respeito dos outros, fio que tanto distingue os vocabulários científicos e aqueles idiomas que melhor o seguem. Porém, sobre ser mais natural e fácil conseguir o todo depois de alcançar uma parte dele, sobre não se tratar de um idioma, sim de uma cifra que sirva de nexos comum a todos e talvez de escala para a universalidade de algum, estimarei muito que entendimentos superiores ao meu descubram meio pelo qual se obtenha quanto deixo mencionado, ou totalmente, ou em grau maior. Eu seria um dos primeiros interessados em tão útil descoberta e, feliz por imaginar que talvez houvesse concorrido [par]a ela com o estímulo da presente, me apressaria em contribuir para o seu pregão universal com o tributo do meu ténue brado.

No entanto, como não julgarei útil um projecto exequível, por cujo meio, sem saber mais do que a minha língua nacional, posso entender os estrangeiros e comunicar-me com eles? Como não o julgarei mais útil ainda quando vejo que vamos carecendo todos os dias de aumentar em conhecimentos de palavras, conhecimentos bem fastidiosos a quantos desejam avançar em coisas? Cada nação escreve hoje no seu idioma próprio e são muitas acreedoras às lucubrações do filósofo. Ah, quanto mais acreedoras seriam à sua gratidão se, convindo numa pasigrafia²⁵, promulgassem ao mesmo tempo nesta escrituração

²⁴ Este raciocínio é um exemplo da adopção tácita do argumento da continuidade. O que é válido para um pequeno grupo de línguas, é válido também para um grupo mais vasto.

²⁵ Neologismo derivado do dativo plural da palavra grega *πάς* e da primeira pessoa singular de *γράφω*, significando 'escrevo a todos'. A história dos projectos de pasigrafia é feita em James Knowlson, *Universal Language Schemes in England and France, 1600-1800* (Toronto, University of Toronto Press, 1975); e por José Manuel Fernández Cepedal, «Lengua universal, lengua francesa y 'patois' durante la revolución francesa», *El Basilisco*, 2.^a, 1 (1989), pp. 41-48. O contexto ideológico da pasigrafia é reconstruído

as composições de seus notáveis sábios, ou pelo menos uns extractos delas! ⁽¹⁵⁾

Mas eu vou terminar este pequeno ensaio com um exemplo que o corrobore, mostrando parte do seu manejo prático.

Suponhamos, sem entrar na discussão da suficiência dos nomes vulgarmente dados aos tempos dos verbos, que, por agora

	Português	Espanhol	Francês	Geral	Plural
1 indica	o	el	le	nominativo singular	1'
2.....	do	del	du	genitivo sing.	2'
3.....	ao	al	a	dativo sing.	3'
4.....	o	el	le	acusativo sing.	4'
5.....	O'	O'	O'	vocativo sing.	5'
6.....	por	por	par	ablativo sing.	6'
7.....	eu	yo	je	1. ^a pessoa sing.	7'
8.....	tu	tu	tu	2. ^a pessoa sing.	8'
9.....	ele	el	il	3. ^a pessoa sing.	9'

postos estes números à esquerda dos seus competentes anexos e deles separados pelo sinal –

	optativo	imperativo
1 indica presente indicativo	1'	1 ^o
2..... pretérito imperfeito	2'	2 ^o
3..... pretérito perfeito	3'	3 ^o
4..... pret. mais-que-perfeito	4'	4 ^o
5..... futuro	5'	5 ^o
6..... participípio do presente		
7..... participípio do pretérito		
8..... gerúndio		
9..... gerúndio		

postos estes números à direita dos seus anexos e mais altos do que eles, bem como os expoentes na álgebra, e semelhantemente os seguintes, que indicam

6..... o participípio do presente
 7..... o participípio do pretérito
 8 e 9 } gerúndios que cuido acredores à maior vulgaridade e uso.

por José Manuel Fernández Cepedal, «Política e instituciones ideológicas durante la Revolución Francesa», *El Basilisco*, 1.^o, 15 (1983), pp. 71-77. O inventário mais completo dos projectos é feito em *Aga Magéra Difúra: Dizionario delle Lingue Immaginarie*, de Paolo Albani e Berlinghiero Buonarroti (Bolonha, Zanichelli, 1994).

Convenhamos, finalmente, em que o género feminino seja representado pelo número 2 apenso ao seu anexo, e mais baixo do que ele, à direita ou à esquerda, se tanto quisermos.

Isto suposto, pode a numeração dos dicionários principiar pelo número 10 e, com efeito, sem notar expressamente os equivalentes espanhóis e franceses, concordemos em que sejam:

14 = este, 15 = Exemplo, 23 = fazer, 84 = ver, 12 = claramente, 95 = uso, 71 = projecto, 75 = que, 68 = oferecer, 70 = olho, 73 = público,

e tendo

Escritura Ordinária

Este exemplo fará ver claramente o uso do projecto, que eu ofereço aos olhos do público.

Resultará na

Escritura Pasigráfica

14 15 23⁵ 84 12 4-95 2-71, 75 7-68¹ 3'-70 2-73

Ora, como o projecto justamente consiste em que as vozes equivalentes dos diversos idiomas sejam denotadas pelos mesmos números, segue-se que a dita escritura pasigráfica lida ou traduzida por um espanhol dará literalmente «Este ejemplo hará ver claramente el uso del projecto que yo oferezco a los ojos del publico.»

Um francês que o transportasse à sua língua, pondo semelhantemente em lugar de cada número o seu valor literal, encontraria «Cet exemple ferá voir clairement l'usage du project, que j'offre aux yeux du Public.»

*

Escrita esta *Memória*, tratei de investigar com mais miudeza os trabalhos que sobre o mesmo objecto me tivessem precedido, entre os quais poderia talvez encontrar já público este mesmo. Com efeito, não foi o actual, sim outro sistema pasigráfico, que encontrei dado à luz em Paris no ano 1797, do qual não pude ainda ter outra notícia mais do que as incluídas no *Annual Register*, e no último apêndice ao *Monthly Review* do mesmo ano. Julgo, pois, do meu dever não passar em silêncio

estes encontros e, assim, vou já expor o conteúdo de ambos, intercalando algumas reflexões minhas que promovam ou facilitem mais a comparação dos dois métodos conforme o permitam bases semelhantes.

Annual Register, p. 319

Pasigrafia, ou os primeiros elementos da nova ciência artificial de escrever e imprimir numa língua, de tal modo que se possa ser lido e compreendido em qualquer outra língua sem tradução, etc. É de facto uma publicação engenhosa e curiosa que mostra o extenso conhecimento do autor da filosofia da linguagem, e sugere notas e sugestões que o gramático pode converter em objectivos valiosos. Estamos convencidos, todavia, de que o plano do autor implica em si demasiadas dificuldades para que possa ser útil, pelo menos até um ponto considerável²⁶.

Este voto que parece fazer justiça ao autor, inculca ao mesmo tempo impossibilidade na execução do plano, por difícil e extenso, qualidades que julgamos remotas do nosso ou talvez só mais remotas o que bastaria. Com efeito, serão tanto mais longínquas quanto a escritura filosófica, denominando assim a que procede segundo a ordem natural das ideias, tomada por base da pasigráfica, será única e suficiente regra que torne a versão desta inteligível em todos os idiomas, inclusos aqueles mesmos que, como o latim, usam muito de transposições. E eis aqui quanto precisamos, ou mesmo o que mais se deve apetecer, porque certas elegâncias produzidas pela destra inversão da ordem natural das ideias, além de deverem em geral ser estranhas a todas as línguas, já o são bastantemente às mais notáveis dos modernos e, porventura, irão diminuindo cada vez mais. Na verdade assaz resta onde as nossas faculdades intelectuais se envolvam com satisfação e prazer. Demais, não devemos curar de idiotismos particulares em coisas destinadas à universalidade, antes sim de generalizar por tal modo que os idiotismos particulares fiquem submetidos sem maior incongruência.

²⁶ Em inglês, no original: «Pasigraphy, or the first elements of the new artificial science of writing and printing in one language, in such a manner as to be read and understood in any other language, without translation, etc. Is a truly ingenious and curious publication, which displays the author's extensive acquaintance with the philosophy of language, and suggests remarks and hints which the grammarian may convert to valuable purposes. We are persuaded, however, that the author's plan involves in it too many difficulties to be useful, at least to any considerable extent.»

A fim de ultimar a presente reflexão, voltemos literalmente ao latim o nosso exemplo pasigráfico e acharemos: «Hoc exemplum facit uidere evidenter *usum* propositionis, quam offero *oculis publici*.» Um latino entenderá logo, e é quanto se pretende. Rirá talvez pelo descostume, mas ninguém o impede de prevenir parte do seu riso transportando primeiro a versão a uma forma que deva convir melhor com o carácter transpositivo da língua latina.

Sublinhei as palavras *usum*, *oculis*, *publici* para prevenir a advertência de que neste idioma os números 4, 3', 2, correspondentes às palavras *o*, *aos*, *do*, devem mostrar o caso latino que lhes equivale, bem como os números 5 e 1 no alto indicam o tempo dos verbos a que estão adictos. E se não tratássemos de línguas muito diversas nisto da antiga romana, poríamos talvez os números 4, 3' e 2 ao alto dos seus respectivos nomes, mas à esquerda por causa da precisa diferença.

Notarei ainda o *sem tradução*²⁷, expressão que me parece algum tanto capciosa, [a] menos que não preceda o estudo completo, além de um superior e geral uso da escritura pasigráfica. Com efeito, negadas estas premissas, ao menos inteiramente, segundo tornam provável as reflexões que escuso repetir, como sem translação ou tradução se poderá passar de cada idioma particular para o pasigráfico e reciprocamente? Porém, se julgamos preexistente a universal adopção e plena inteligência da língua pasigráfica, de modo que esta seja falada e escrita como vulgar, o nosso projecto não é menos susceptível da mesma vantagem, suposto em circunstâncias iguais. Tem ele demais, ainda, que a sua vulgarização absoluta não depende de serem acolhidos geralmente caracteres estranhos a muito maior número de homens, [n]e[m] combinados por um novo sistema em quanto à sua escrituração e leitura, segundo veremos adiante.

Pelo que pertence ao fio da analogia, o pequeno esquema que tenho e em breve passarei a transcrever deste novo método pasigráfico talvez nem deixe duvidosa a decisão. Quem conhecer bem a língua base, torno a dizer, tomando algumas das marcas principais, não demandará o porto com mais presteza no nosso projecto?

²⁷ Em inglês no original: «*without translation*.»

Apêndice ao vigésimo quarto volume
do *Monthly Review*, alargado, p. 562.²⁸

Pasigrafia, ou os primeiros elementos da nova ciência artificial de escrever e imprimir numa língua, de tal modo que se possa ser lido e compreendido em qualquer outra língua sem tradução, etc. Inventada e posta em ordem por J*** de M***, anteriormente Major na Infantaria Imperial²⁹. Primeira edição, correspondendo à edição alemã. 4^{to}. Duas partes, pp. 130. Do Gabinete de Imprensa Pasigráfico de Paris, 1797³⁰.

... Os mexicanos tinham um método de comunicar compreensão através do desenho de objectos sobre os quais desejavam transmitir informação, e os chineses ainda empregam floreados que podem ser lidos por uma pessoa que é ignorante da língua deles, nas suas próprias palavras.

... Por conseguinte, é evidente que as nossas ideias podem ser associadas directamente a sinais visíveis, em vez daqueles sinais audíveis chamados palavras... O bispo Wilkins inventou oitenta caracteres através dos quais ele planeava expressar todas as ideias da mente humana com brevidade inequívoca. *O Sr. Northmore, com maior simplicidade, sugeriu o uso de números aritméticos, e observou que, como a data do ano ou a falta de rendimentos, quando expressas em números, podem ser lidas por qualquer nação europeia no seu próprio idioma, seria possível*

²⁸ Em inglês no original: «Appendix to the twenty-fourth volume of the *Monthly Review*, enlarged, p. 562.»

²⁹ Dantas Pereira refere-se a Joseph de Maimieux, autor de *Pasigraphie, premiers éléments du nouvel art-science d'écrire et d'imprimer en une langue de manière à être lu et entendu dans toute autre langue sans traduction* (Paris, au Bureau de la Pasigraphie, 1797) e de *Pasigraphie et pasilalie... méthode élémentaire contenant: 1.º les douze règles de la pasigraphie... 2.º les trois règles de la pasilalie, ou d'une langue universelle ayant pour base la pasigraphie; 3.º les tableaux nécessaires et une planche gravée* (Paris, au Bureau de la Pasigraphie, an VIII, i. e. 1799).

De Maimieux viveu de 1753 a 1820. Para além das obras de pasigrafia, pertencem a este autor títulos como *Alphonse d'Inange, ou le Nouveau Grec* (1787), *Éloge philosophique de l'impertinence, ouvrage posthume de M. De la Bractéole A Abdère* (1788), *Le Comte de Saint-Méran, ou les Nouveaux Égaremens du ciur et de l'esprit* (1788-1789), *Suite du Comte de Saint-Méran* (1789), *Charles de Rosenfeld, ou l'Aveugle inconsolable d'avoir cessé de l'être* (1789), *Souvenirs d'un homme du monde ou recueil de pensees diverses, d'observations, des bons mots, de faits singuliers, d'anecdotes et d'opuscules* (1789), *Sylvestre ou Mémoires d'un centenaire de 1675 à 1786* (1802), *Céleste Paléologue* (1811). A sua actividade como tradutor manifesta-se na tradução dos *Fragments de lettres originales de Madame Charlotte-Elizabeth de Bavière* (1788).

³⁰ Em inglês no original: «Pasigraphy, or first elements of the new artificial science of writing and printing in a language, which may be read and understood in every other language without translation. Invented and arranged by J*** de M***, formerly Major in the Imperial Infantry. First edition, corresponding with the German impression. 4^{to}. Two parts, pp. 130. From the Pasigraphic Printing-Office at Paris, 1797.»

descrever em números uma coroa, uma metáfora... A maior dificuldade parece consistir em imaginar algum núcleo natural de associação que facilitaria a lembrança destes sinais numéricos e os grave indelevelmente na memória³¹.

No parágrafo precedente adverte-se que os mexicanos e chineses usam de uma espécie de pasigrafia de tal ou qual modo análoga aos hieróglifos dos egípcios; que Wilkins⁽¹⁶⁾ com 80 caracteres formou uma pasigrafia completa e brevíssima³². E nem carecia de tantos porque admitindo somente seis letras, ou sons símplices resultam 55986 complexões alfabéticas diferentes que bastariam para representar até as ideias que saem fora do ordinário³³. Vê-se ultimamente que Mr. Northmore³⁴ apontou já em outro tempo a introdução dos números na escritura pasigráfica, a qual, como refere o mesmo *Monthly*, a fora [por] outros mais autores, forma «um importante assunto de espe-

³¹ Em inglês no original: «... The Mexicans had a method of communicating intelligence by depicting the objects concerning which they wished to convey information, and the Chinese still employ flourishes, which can be read by a person who is ignorant of their language in the words of his own.

... It is evident, then, that our ideas can be associated directly with visible signs, instead of those audible signs called words... Bishop Wilkins contrived eighty characters by means of which he designed to express all the ideas of the human mind with unequivocal brevity. Mr. Northmore, with greater simplicity, has suggested the use of arithmetical figures, and he has observed that, as the date of the year or the deficiency of the revenue, when stated in numerals, can be read by every European nation in its own idiom, so it would be possible to describe in numbers a crown, a metaphor... The great difficulty seems to consist in contriving some natural nucleus of association, which should facilitate the recollection of these numerical signs and indelibly imprint them on the memory.»

³² A citação que Dantas Pereira faz do *Monthly Review* induz em erro. De facto, os Géneros Maiores de Wilkins são quarenta. Estes Géneros são divididos em 251 Diferenças Particulares, a partir das quais se derivam 2030 Espécies.

³³ Este valor é obtido com a soma das seis primeiras potências de seis: $6^1 + 6^2 + 6^3 + 6^4 + 6^5 + 6^6 = 55986$.

³⁴ Thomas Northmore (1766-1851) é autor de *A Triplet of Inventions, consisting of a description of a nocturnal or diurnal telegraph; a proposal for an universal character; and a scheme for facilitating the progress of science, exemplified in the osteological part of anatomy* (Exeter, R. Trewman & Son. Londres, J. Owen, 1796). A segunda edição desta obra tem o título ligeiramente diferente: *A Quadruplet of Inventions, consisting of a nocturnal or diurnal telegraph; a proposal for an universal character; an easy and practical contrivance for preventing boats from sinking; and a scheme for facilitating the progress of science, exemplified in the osteological part of anatomy* (Londres, Murray & Highley, 1799). Publicou também um elogio à independência americana, *Washington, or Liberty Restored* (Baltimore, 1809), e, com o pseudónimo de Phileleutherus Devoniensis, publicou ainda *Memoirs of Planetes, or, a sketch of the laws and manners of Makar* (Londres, 1795).

culação que ocupou muito do tempo livre da mente enciclopédica de Leibniz»³⁵. Portanto, se nações distintas e homens eminentes têm sucessivamente atentado na introdução, não só de uma cifra pasigráfica, mas de uma linguagem universal, entre na balança o considerável peso de tais autoridades, entre as quais poderemos ainda privativamente nomear os Srs. Jaucourt³⁶, Beauzée³⁷, Diderot³⁸, etc. Se um daqueles

³⁵ Em inglês no original: «an important subject of speculation, which occupied much of the leisure of the encyclopedic mind of Leibniz.»

Para uma reflexão sobre os textos que Leibniz (1646-1716) dedicou às linguagens perfeitas, ver Louis Couturat, *La logique de Leibniz d'après des documents inédits* (Paris, Félix Alcan, 1901), pp. 51-118. Ver, igualmente, G. W. Leibniz, «On the General Characteristic», in Leroy E. Loemker, ed., trad., *Philosophical Papers and Letters* (Dordrecht, D. Reidel, 1969), pp. 221-228. Para um estudo geral das relações entre característica universal, perspectivas sobre as línguas naturais, cálculo lógico, linguagens perfeitas e pressupostos metafísicos, ver Donald Rutherford, «Philosophy and Language in Leibniz», in Nicholas Jolley, ed., *The Cambridge Companion to Leibniz* (Cambridge, Cambridge University Press, 1995), pp. 224-269.

Contra a perspectiva equivocada que considera Leibniz o único criador de projectos de línguas universais no século XVII, com um inventário dos predecessores que nele tiveram maior influência, ver Jonathan Cohen, «On the project of a universal character», *Mind*, 63 (1954), pp. 49-63.

Pode-se encontrar um curto resumo das preocupações filológicas de Leibniz e da base da sua concepção de uma língua adâmica numa curta comunicação académica de Gustavo Cordeiro Ramos, «Leibniz e a Investigação Linguística», in *Memórias: Classe de Letras*, V (Lisboa, Academia das Ciências, 1949). Dois úteis resumos dos principais temas linguísticos leibnizianos encontram-se em Paolo Rossi, *Clavis Universalis* (Bolonha, Il Mulino, 1983), pp. 259-281, e em Umberto Eco, *La ricerca della lingua perfetta* (Roma-Bari, Laterza, 1993), pp. 289-313.

O estudo mais aprofundado é o de Olga Pombo, *Leibniz and the Problem of a Universal Language* (Münster, Nodus, 1987). Para uma revisão de algumas investigações mais recentes da problemática da língua perfeita em Leibniz, ver Frédéric Nef, «La langue universelle et les langues: Leibniz biface?», *Critique*, XXXV: 387-388 (1979), pp. 736-751.

³⁶ O Cavaleiro Louis de Jaucourt (1704-1780) é autor de *La vie de Leibnitz* (Amsterdão, 1734), traduzida em alemão como *Geschichte des Herrn von Leibnitz und Verzeichniß seiner Werke* (Leipzig, 1757). Foi colaborador de Diderot na *Encyclopédie*, e, segundo Voltaire, foi o autor de três-terços dos textos da mesma obra.

³⁷ Nicholas Beauzée (1717-1789) é autor de uma *Grammaire Générale, ou Exposition raisonnée des éléments nécessaires du langage, pour servir de fondement à l'étude de toutes les langues* (Paris, 1767, 1819), *Preuves historiques de la religion chrétienne, pour lui servir d'apologie contre les sophismes de l'irreligion* (1825), de traduções de autores clássicos e da *Óptica*, de Newton. Publicou uma edição aumentada da obra *Synonymes françois, leurs différentes significations et le choix qu'il en faut faire pour parler avec Justesse*, do Abade Gabriel Girard (Rouen, 1781, Liège, 1782).

³⁸ Denis Diderot (1713-1784) é o principal editor da *Encyclopédie* e autor de *La Religieuse* (escrita em 1760 e publicada em 1796), *Jacques, le fataliste et son maître*

votou já pela adopção dos caracteres aritméticos na dita escritura, percam-se embora as pretensões de ter aumentado por esta parte a massa dos conhecimentos humanos; porém, escudados com aquele companheiro de armas, franqueemos com mais segurança o campo da batalha, satisfazendo-nos a restante glória da invenção do método que torna praticável o exposto parecer de Mr. Northmore, parecer tanto mais precioso quanto, além das qualidades supramencionadas, tem semelhante escritura as de suma brevidade e clareza que perfazem a sua apologia.

Pelo que toca à ponderada dificuldade [de] *inventar*³⁹, etc., o método, aliás satisfatório, pode encontrar no idioma base uma como escala que facilite a conservação dos números principais, reputando assim aqueles que correspondem às primeiras e últimas palavras que principiam por uma letra dada. A estes números que, por maior comodidade poderiam sempre ser múltiplos de 100, 1000, ou 10000, irão fácil e sucessivamente unindo-se com o uso [a]os que indicarem objectos mais familiares. Os mais extraordinários, por esta mesma qualidade, esquecerão menos e todos coadjuvarão a respeito dos intermédios. Porventura o fio da analogia nos sons vocais não se encontra mil vezes cortado e estes deixam por isso de ocorrer com facilidade? Nas cifras particulares não vemos alguns tão destros que as decifram ou lêem na língua vulgar sem a menor equivocação ou demora? Mas continuemos com o *Monthly*.

Isto é tentado pelo autor do muito engenhoso volume perante nós. Ele inventou doze caracteres a que chama *gama pasigráfica*, e para os quais, não tendo os tipos próprios, substituiremos as primeiras doze letras do alfabeto grego⁴⁰.

Chamaremos aqui somente a lembrança do que fica dito sobre a introdução de novos caracteres na escritura pasigráfica.

Estes devem ser reunidos em palavras de três, de quatro e de cinco letras. As partículas conectivas ou expletivas de ocorrência frequente

(escrito em 1773 e publicado em 1796), *Le Neveu de Rameau* (escrito de 1761 a 1774 e publicado em 1805) e de *Supplément au Voyage de Bougainville* (escrito em 1772 e publicado em 1776).

³⁹ Em inglês no original: «*contriving*.»

⁴⁰ Em inglês no original: «This is attempted by the author of the very ingenious volume before us. He has contrived twelve characters, which he calls *the pasigraphic gamut*, and for which, not having the proper types, we shall substitute the first twelve letters of the Greek alphabet.»

devem ser da primeira classe; os objectos e ideias diariamente observados na sociedade da segunda; e os termos de arte, ciência e inquirição difícil da terceira⁴¹.

Neste artigo aparece bem superiormente o espírito metódico. Ele é, aliás, aplicável ao nosso sistema, onde poderíamos consagrar tantas das primeiras quilíades dos números naturais para índices da primeira ordem de palavras, tantas das quilíades imediatas para as da segunda ordem, e o resto para as da terceira, com o que ajudaríamos mais a nossa memória pelo que respeita à conservação do todo. Permanecendo, porém, a ordem alfabética em cada uma das três partes, que também poderíamos denominar Índice, Vocabulário e Léxico.

Querendo pôr o *ultimatum* ao nosso método, ocorreria numerar somente segundo este sistema as raízes das línguas, indicando os derivados por meio de certos números anexos aos primeiros e postos em forma de expoentes, os quais fossem os mesmos para todos os derivados semelhantes. Lembra-me, para exemplo, numerada a palavra homem. Humano, seu adjectivo, poderia escrever-se pasigraficamente de sorte que correspondesse a homem adjectivo. Não pretendo que esta lembrança mereça inteira adopção. Dela e de algumas homogêneas só me resolvo a tratar desde já porque tais projectos costumam contar melhor virilidade quando são educados ou tratados por mãos alheias às que lhe deram existência.

O autor subdivide o seu dicionário em três partes que... podem ser chamadas o índice, o vocabulário e o léxico. Na primeira são postas em ordem as palavras muito pequenas da língua francesa; na segunda as correntes e na terceira as extraordinárias. Estas são dispostas em doze colunas, e cada coluna é subdividida em dois parágrafos duodécimos. Contiguidade de significado confere a pretensão à contiguidade de lugar. Sobre cada coluna é colocada uma letra do alfabeto pasigráfico, contra cada parágrafo uma segunda letra, e antes de cada palavra uma terceira letra. Por estes meios, três letras particularizam qualquer palavra dada. Uma quarta indica que a palavra deve ser procurada no vocabulário, e uma quinta que ela deve ser procurada no léxico⁴².

⁴¹ Em inglês no original: «These are to be grouped in words of three, of four and of five letters. Connective and expletive particles of frequent recurrence are to be of the first class; objects and ideas daily noticed in society of the second; and terms of art, science and recondite inquiry of the third...»

⁴² Em inglês no original: «The author subdivides his dictionary into three parts which... may be called the index, the vocabulary, and the lexicon. In the first are

Excelente arranjo que publicamos tão circunstanciadamente como sinal de veneração para com o seu anónimo autor, cuja obra nos apressamos a fazer vir com a maior brevidade, certos em que dela tiraremos também muitas luzes mais que, já motivem e produzam maior respeito nosso, já sirvam de aperfeiçoar ainda o nosso mesmo projecto.

Os sintomas da inflexão são colocados acima ou abaixo da linha, antes ou depois da palavra principal⁴³.

Esta atenção, que corresponde à que avançamos sobre o modo de numerar os derivados, etc., fazendo entrar os números das suas raízes e dando a estes uns expoentes constantes, é um motivo mais para confiarmos na nossa dita proposição, à qual todavia alguém achará melhor que seja substituída a seguinte: numerem-se as terminações dos derivados e sejam estes indicados pelos números das suas raízes respectivas, seguindo-se-lhes os que corresponderem às referidas terminações, porém separados pelo sinal –.⁽¹⁷⁾ O público decidirá qual tem por melhor entre os três meios que aponto para este fim.⁽¹⁸⁾

«Um projecto para acentos irónicos e interrogativos ocorre...»⁴⁴. Muito há que em quanto a este utilíssimo e preciso projecto me tinha ocorrido. Pelo que pertence à primeira parte, sublinhar ou imprimir em grifo as palavras da ironia; e, pelo que respeita à segunda, adoptar o uso espanhol bem como nas admirações.

O seguinte fragmento, copiado do *Monthly Review*, dará melhor ideia do dicionário em que se fala.

α	β	γ
α haut, en haut β au haut, par ent	a fleur de terre au bord, sur le bord	avant terme, a terme

arranged the minute, in the second the current, and in the third the extraordinary words of the French language. These are stationed in twelve columns, and each column is subdivided in two duodecimal paragraphs. Contiguity of meaning confers the claim to contiguity of place. Over each column is stationed one letter of the pasigraphic alphabet, against each paragraph a second letter, and before each word a third letter. By these means, three letters particularize any given word. A fourth indicates that the word must be sought in the vocabulary, and a fifth that it must be sought in the lexicon.»

⁴³ Em inglês no original: «The symptoms of inflection are placed above or below the line, before or after the main word.»

⁴⁴ Em inglês no original: «A project for ironical and interrogative accents occurs...».

α	haut α bas, par en bas δ au bas, par en bas ε du haut en bas ζ du bas en haut	en terre, en pleine terre au fond, a fond, du fond à l'abri, a couvert au vent, à l'air, en plein	avant terme, a terme à plat, à plat ventre sur le dos, à la renverse à terre, par terre en rond, à croupetons à rebrousse poil
β	α sur, dessus β au dessus, par dessus γ sous dessous δ au dessous par dessous ε entre, parmi ζ sans dessus dessous	vers, sur près, proche, de près joint, contre, abord portant ras, au raz, rez-de-chaussée à, après de proche, en proche	terre, a terre pas a pas, pied a pied a quatre pattes a cloche-pied, clopin-élopant a tire d'aile, d'une aile en haleine, hors d'haleine
γ	α devant, sur le devant β au devant, par devant γ derrière, sur le derrière δ au derrière par derrière ε à rebours, au rebours ζ sans devant, derrière	le long, en long, au long en large, au large, à l'aise à l'étroit, en point autour, aux environs vis a vis, a l'opposite a travers, au, outre	avant, en avant loin, de loin, a perte de vue après, a la suite a la file, a la queue a la piste, a la trace a l'affect, aux aguets

Assim, ααα equivale a *en haut*, βββ a *de près*, γγγ a *après*, αβα a *dessus*, etc., donde bem se conclui que a dedução e arranjo desta pasigrafia mostram sim bastante engenho. Porém, as leis da sua consequência talvez sejam até mais difíceis de conservar do que a nossa dos números, pelo menos não são mais claras e o método, porque o autor se propõe representar com um só sinal pasigráfico as palavras e frases equivalentes de cada idioma, concorrendo muito para a concisão da escritura, não concorre menos para lhe aumentar a dificuldade. As leis numéricas, que outros fins obrigam a conhecer, parecem de conservação mais fácil à memória, sobre menos estranhas ao vulgo e mais acessíveis à compreensão geral.

Eu não pretendo diminuir o merecimento do anónimo autor da nova pasigrafia, antes, repetirei ainda, admiro tanto os seus distintos conhecimentos, assaz indicados pelo pequeno extracto que tenho publicado, como as imensas fadigas que devem ter custado tantas reflexões novas e tão extraordinárias combinações, extraordinárias em número e qualidade. Mesmo não decidindo entre o seu e o meu projecto, posto que a maior simplicidade, clareza, facilidade de adopção e de prática me pareçam pronunciar a favor do segundo, cumpre-me, porém, advogar a minha causa. O público, a cujas decisões tributo o respeito que devo, é somente o juiz próprio e, portanto, julgará. Vou,

pois, finalizar esta parte da *Memória* com o extracto do voto que, no mesmo *Monthly*, encontro sobre a pasigrafia ali noticiada.

A disposição de algum modo arbitrária destes quadrados aumentaria muito a dificuldade em traduzir numa língua europeia diferente as várias tabelas. A necessidade de declinar, de conjugar e de dispor cada palavra pelas regras invariáveis da gramática pasigráfica suplanta tão eficazmente todas as associações idiomáticas que nenhum trabalho da imaginação nem da eloquência poderia assegurar qualquer influência neste novo traje... O autor merece, contudo, um grande louvor pelo extenso conhecimento que revela nos vários departamentos ligados à filosofia da linguagem; por fazer lembrar um importante assunto de especulação... e pelas numerosas sugestões importantes que realmente ofereceu para uma mais fácil construção de um carácter universal. Sugere também a viabilidade de dar um valor oral aos seus símbolos, através da pronúncia de cada parte como uma sílaba distinta, e isto resolveria imediatamente o outro grande problema de uma língua universal⁴⁵.

CONCLUSÃO

A utilidade de uma linguagem universal até se faz sentir, o que é contestado⁴⁶ pelos hieróglifos do Egipto, pelas flores da China, pelas figuras do México, pelo assentimento de grandes europeus de todos os tempos, enfim, pela natureza, da qual estando tão distantes, contudo, não podemos aniquilar a tendência recebida para a uniforme comunicação das ideias correspondentes às nossas precisões e afectos principais, pelo intermédio de uma linguagem de acção muito parecida.

⁴⁵ Em inglês no original: «The somewhat arbitrary arrangement of these squares would much increase the difficulty of translating into a different European language the several tables. The necessity of declining, of conjugating, and of stationing every word by the invariable rules of pasigraphic grammar supersede so effectually all idiomatic associations that no work of imagination, nor of eloquence, could retain any influence in this new dress... The author is however entitled to great praise for the extensive knowledge which he has displayed in the various departments connected with the philosophy of language, for reviving an important subject of speculation... and for the many important suggestions which he has really offered towards the easier construction of an universal character. He suggest also the practicability of giving an oral value to his symbols, by pronouncing each part as a distinct syllable, and this would at once resolve the other great problem of an universal language.»

⁴⁶ A palavra 'contestado' é aqui utilizada com o significado de confirmado ou atestado. Este significado é pouco usado actualmente.

Apesar disto, no estado presente da sociedade não temos índices, nem orais, por cujo meio tornemos universais as participações próximas das ideias mais compostas ou abstractas que escapam à referida linguagem da natureza, nem literais, que estendendo estas mesmas participações até [a]os mais remotos climas e tempos, sobressaiam tão grandemente à mesma linguagem.

É, pois, belo, útil e digno do homem que se interessa pelo bem dos seus semelhantes ocupar-se dos meios que em tais circunstâncias poderão concorrer [para] a introdução de uma linguagem universal.

Que uma potência predominante faça suceder ao som das bombardas a divulgação geral do seu idioma, é coisa felizmente impossível no estado actual, e já o foi em outro menos oposto. Sempre lhe contravirá a universal tendência para variar que tanto afecta o orbe inteiro e que, por assim dizer, é a constante única da natureza.

Que uma grande nação, empregando sempre bem e atentamente os seus maiores meios (hipótese bem pouco provável), atentando no Império de Minerva, e conquistando, ou empreendendo conquistar os feudos possuídos pelas outras no mesmo Império, pretenda após a luz científica difundir geralmente os sinais que a transmitem, coisa é mais sublime e honrosa ao homem. Porém, não menos impossível. Os senhores feudais também procuraram alargar os seus domínios; Minerva sempre foi e será propícia a pretensões semelhantes. Ela não é, nem deve, nem pode ser mesquinha. Os idiomas, pois, destes senhores também se tornaram preciosos e apetecíveis. O primeiro [idioma] poderá, quando muito por uma longa sucessão de tempo, ter maior valor relativo mas nunca ser único.

Intentar uma como refundição de todos os idiomas para depois se extrair, ou um primário, comum origem de todos, ou um composto que, evidentemente, mereça a primazia, nem por isso a obterá do maior número, que nunca poderá conhecê-la, nem se apresenta menos improvável à compreensão humana pelas imensas fadigas que exigiria, além da reunião de mil interesses opostos e, talvez, a ponto de jamais poderem admitir reconciliação.

Cuidar que as potências se coligarão para a conquista de uma linguagem universal, por meio do artifício unido ao seu exemplo próprio, pela última das razões precedentes, quando não ocorressem outras, é cuidar uma verdadeira quimera, é entrar de bom grado no país das ilusões. O exemplo dos governantes ajudado com o preciso manejo dos interesses pessoais é, sim, o meio mais poderoso e, talvez, o único próprio para abater costumes antigos, substituindo-lhes novos. Mas quererão as potências ou, mesmo, poderão?

Poderá mais o exemplo desunido de alguns homens de cada nação?

Cesse, pois, o projecto de uma língua universal, mais precioso, porém, menos provável de obter que o das moedas e medidas gerais que, todavia, não vemos ainda em voga. O futuro dirá se, então, admite alguma probabilidade. Por agora, consideremos como será possível facilitar as correlações menores e talvez as maiores. Posto que estas, outra vez o repito, sempre deverão recair sobre quem ou saiba uma língua em comum ou possa usar de intérpretes.

Como, porém, conseguirão tantas nações diversas entenderem-se por meio de sinais comuns melhor do que referindo-lhes aqueles de que actualmente usam? Eis aqui já o caminho, e sendo mais difícil convir em duas coisas do que em uma, será melhor dar um uso novo a sinais recebidos do que empreender que, para lho dar, se adoptem outros novos.

Entre os sinais difundidos é, evidentemente, preferível o mais universal e familiar, pelo menor obstáculo que então deve encontrar este uso dele. Portanto, qual merecerá ser anteposto aos caracteres numéricos?

Assim, resta ver como aos ditos caracteres poderemos atribuir o seu novo emprego nos usos humanos, de sorte que a nossa concepção não obste grandemente, nem tão-pouco se requeira maior concurso de vontades e meios para a composição dos materiais necessários à sua execução prática.

O uso actual de cifras semelhantes entre particulares e nas relações ocultas das nações⁴⁷ bem deixa ver que a generalização dele feita com o acerto conveniente deve satisfazer as vistas expostas.

Parece, com efeito, bem simples e preciso tomar uma língua para unidade comparativa de todas as outras, e não menos que numerada pela ordem natural dos números inteiros a série das palavras que houverem no seu dicionário completo. Cada número que assim corresponder a uma voz daquele idioma fique correspondendo às suas equivalentes em todos os mais, porque, assim e somente assim, ficará um mesmo número sendo o índice comum das palavras que exprimem a mesma ideia em todas as línguas existentes e, portanto, sairá este número, podendo fazer as vezes de um geral índice literário que em toda a parte represente aquela ideia, ou instantaneamente para quem

⁴⁷ A história da escrita secreta é feita por Simon Singh, *The Code Book: The Science of Secrecy from Ancient Egypt to Quantum Cryptography* (Londres, Fourth Estate, 1999); e por Rudolph Kippenhahn, *Code Breaking: A History and Exploration* (Nova Iorque, Overlook Press, 1999).

já por uso souber o seu valor vocal, ou procurado em vocabulários que mostrem este mesmo valor. E como parece assaz unísono e razoável que, sendo os sinónimos de diferentes nações representados por um só número, os de cada nação de per si [o] sejam não menos quando os tenha, conviremos, enfim, que o número correspondente a qualquer palavra de um dicionário seja dali por diante aplicado também a todos os sinónimos que existirem no mesmo dicionário.

Poderei, pois, entender-me por este modo com estrangeiros, ou próximos, ou longínquos, sem a menor confusão, sem adoptar novas cifras, sem fazer numerosíssimos os artigos do contrato desta nova inteligência, sem carecer de muitas gentes para completar os alicerces precisos ao seu manejo prático. Portanto, eis cumprido o fim principal que me propus. Fim que, ao mesmo tempo, se torna um necessário preliminar à introdução de qualquer linguagem universal, se esta um dia se apresentar mais provável. Sempre, porém, resultará da adopção deste projecto um maior compenetramento comum em todas as línguas e maior unidade na inteligência delas, o que não pode deixar de ser por extremo vantajoso a todas.

A reflexão fez que julgasse o meu projecto adaptável a discursos maiores. Com efeito, se a sinais genéricos que representem casos, números, géneros, pessoas e tempos unimos quando muito outros, cada um dos quais indique por um modo análogo todas as derivações semelhantes das raízes de qualquer língua; se, em tal caso, numeramos estas raízes só, aliás em concurso com os seus derivados segundo a série natural dos números inteiros, tendo primeiro formado as três classes, partículas ou vozes monossílabas e dissílabas mais frequentes, palavras mais usais, termos menos vulgares; conservada em cada classe a ordem alfabética para assim fomentar melhor a concisão da escritura pasigráfica e o acto memorativo dela, a uniformidade, clareza e número assaz pequeno de tais preceitos devem necessariamente conduzir o nosso projecto pasigráfico à sua última perfeição e, portanto, atribuir-lhe o maior uso de que ele for capaz. Ocorrendo mais somente que as palavras compostas podem com toda a naturalidade ser designadas pelo conveniente agregado dos números índices das suas componentes.

Se alguém houver de me increpar por não desenvolver melhor ou mais este projecto, queira primeiro olhar com reflexão a quantidade e qualidade de tempo que posso dizer meu e, talvez, não estranhará que assim aconteça. Muito menos se notar que tratei de fazer uma *Memória* e, mais, com o fim de atrair quem, podendo, queira dar a tão útil objecto o tempo que me consomem outros não menos interessantes e

de mais imediato dever meu. Finalmente, se julgada útil a minha proposta, se pretender a sua execução prática, eu não desejo nem devo isentar-me de aceder ao aperfeiçoamento dela quanto for em mim e as minhas obrigações me permitirem. No entanto, os alicerces estão lançados, os traços principais do risco do edifício patentes e o que por agora posso a este respeito concluído.

NOTAS

NOTA 1

Escuso reflectir sobre a diferença entre a variação sucessiva e insensível de uma língua viva e aquela que deveria ter lugar para que as ditas, ou quaisquer variações, em todas se dirigissem a formar ou tornar uma universal⁴⁸.

NOTA 2

A generalidade actual da língua francesa, para a qual concorreu a emigração resultante da revogação do Édito de Nantes⁴⁹, não menos do que a porfiada atenção que os Franceses têm dado a traduzirem para o seu idioma todas as obras-primas e mesmo as secundárias das outras nações, generalidade que parecia oferecer provável o trânsito absoluto para aquela linguagem, franqueado e protegido pela ciência, vai de necessidade envolvida na variante universal. As nações têm sentido quanta vantagem lhes é escreverem no seu próprio idioma e traduzirem para ele as melhores composições estrangeiras. Vão, pois, tomando este trilho, com o que têm reduzido, e consideravelmente irão reduzindo a menos, a precisão de saber o francês muito

⁴⁸ Não é claro que exista qualquer diferença substantiva entre o processo de diversificação das línguas e o processo de aproximação das línguas numa só. A favor do primeiro processo, existem argumentos fortes: o aparecimento de novas línguas, a alteração das línguas existentes, o aumento do vocabulário devido ao desenvolvimento das sociedades, etc. Porém, a favor do segundo processo também existem argumentos fortes, como o desaparecimento de um número elevado de línguas e a adopção de segundas línguas nos currículos escolares dos países desenvolvidos. Dantas Pereira foi professor de francês de D. Pedro Carlos. Por que razão se escolheu francês e não as línguas dos índios brasileiros, o húngaro ou o russo? A escolha das segundas línguas não parece ser um evento puramente subjectivo mas parece ser uma apreciação geral que cada época faz da importância relativa das línguas. Dois séculos depois da *Memória*, é mais forte a convicção de que a variação das línguas não as está a apartar mas, curiosamente, a unificar.

⁴⁹ O Édito de Nantes foi promulgado a 13 de Abril de 1598 por Henrique IV. O Édito garantia uma grande liberdade religiosa para os protestantes franceses, os Huguenotes. A 18 de Outubro de 1685, Luís XIV revogou o Édito e retirou todas as liberdades civis e religiosas aos protestantes. Nos anos que se seguiram mais de quatrocentos mil Huguenotes emigraram, fazendo com que a França ficasse privada da sua classe comercial mais dinâmica. Esta emigração contribuiu, porém, para a expansão da língua francesa.

vulgarizada já; com esta decairá na mesma razão o número daqueles que se lhe submetiam e que empregarão agora em coisas o tempo antes dado ao conhecimento dos sinais que as representavam como que sós. Enfim, a rivalidade natural das nações maiores, tornando igualmente apreciável o conhecimento das suas línguas diversas, ainda mais coopera para dificultar a universalização total de qualquer delas. Não repetirei a reflexão feita no princípio do parágrafo presente. E, por outro lado, se, como disse um homem célebre dos nossos dias, devemos reputar impossível saber mais de uma língua com a perfeição necessária, não escolheremos antes acabar de possuir a nossa com toda a correcção e energia do que divagar pelas alheias?

NOTA 3

Julgaríamos ainda com o Sr. Delormel⁵⁰ que um tal projecto somente chegaria a efeito ordenando os governos que uma prescrita língua entrasse na educação, ou, melhor dissera, no ensino público, e dando os empregos com preferência àqueles que soubessem, etc. O exemplo, então, continuando a receber socorros do industrioso e louvável artifício, talvez que, indo lavrando pouco a pouco entre o vulgo, conduzisse este finalmente à pretendida meta. Porém, que soma de obstáculos se me apresentam! Quererão, com efeito, aqueles dar um tal corte nas características distinções nacionais tão suplantadas já e que, aliás, lhes oferecem tantos usos?

NOTA 4

Depois de lida na Academia Real das Ciências⁵¹ a parte fundamental e primária desta *Memória*, tive de uma pessoa, respeitável por sua grandeza e conhecimentos, que nas ocultas correspondências diplomáticas muitas nações empregam cifras semelhantes fazendo que a cada palavra corresponda, não um mas diversos

⁵⁰ Não se sabe muito sobre a vida de Jean Delormel. Para além do *Projet d'une langue universelle, présenté à la Convention nationale, par le citoyen Delormel*, de 1794, é autor de *Les Causes et les époques des révolutions du monde physique et moral, ou la Grande période solaire* (1797); *La Grande période, ou le Retour de l'âge d'or, ouvrage dans lequel on trouve les causes des désordres passés, des espérances pour l'avenir et le germe du meilleur plan de gouvernement ecclésiastique, civil et politique* (1790, 1805); *Nouveaux éléments de la grammaire française, d'après la méthode de Lhomond et celle de Condillac* (s/d); *Plan d'un nouveau calendrier, ou la Nouvelle semaine* (s/d); *Réfutation du système imaginé par les savans du dernier siècle contre la théorie de la 'Grande période', Explication des prophéties de Daniel sous le rapport de la 'Grande période', Les Six jours de la création selon Moïse, ou Développement de cet article de la 'Grande période'* (1806); e de *Réponse amicale au rédacteur du 'Journal des débats', suivie du tableau chronologique de la 'Grande période'* (s/d).

⁵¹ A primeira reunião da Academia das Ciências aconteceu em 16 de Janeiro de 1780, presidida pelo Duque de Lafões, secretariado pelo Visconde de Barbacena e pelo Abade José Correia da Serra. A partir de 1783, a Academia teve a protecção real de D. Maria I. A Academia teve como precursoras a Sociedade dos Ocultos (1647), a Academia dos Generosos (1647), a Academia dos Singulares (1663) e a Academia Real de História Portuguesa (1720). Dantas Pereira foi eleito correspondente da Real Academia das Ciências de Lisboa a 11 de Maio de 1793, isto é, aos vinte anos de idade.

números, para mais complicar aos estranhos a decifração deles⁵². Cautela evidentemente supérflua ou, antes, oposta ao nosso objecto. Outros não menos respeitáveis me afirmaram terem visto e até manejado em coisas particulares correspondências homogêneas. Eis aqui, pois, provas de facto sobre a possibilidade da execução prática do meu projecto que, com efeito, não posso deixar de memorar. Em quanto à clareza e concisão pode por algum modo concorrer também, como prova de facto, o *Marine Pocket-Dictionary*, de Neumann, dado à luz em Londres no ano próximo precedente⁵³, sobre cuja parte lusitana teríamos que notar um pouco, mas nem por isso o deixamos de o julgar bastantemente respeitável⁵⁴. Digo por algum modo, porque sendo nele diversos os números de cada vocabulário, nas referências do inglês-francês não carecia usar das letras J, S, P, [e] G. O que junto a escrever os

⁵² Vide supra nota 47.

⁵³ No ano passado, i.e. 1799.

⁵⁴ Como marinheiro, Dantas Pereira deverá ter acolhido com entusiasmo e utilizado frequentemente a obra *A Marine Pocket-Dictionary of the Italian Spanish, Portuguese and German Languages, with an English-French and French-English Index; being a collection of a great variety of the most useful sea-terms in the above idioms*, de Henry Neumann, publicado em Londres em 1799. Dantas Pereira volta a referir Neumann de modo encomiástico na carta que escreve ao diplomata Silvestre Pinheiro Ferreira, publicada no *Jornal de Coimbra*, vol. XIV, 2.^a parte, n.º LXXIV (1819), pp. 79-82.

O século XIX foi muito rico em publicações semelhantes à de Neumann. Assim, entre 1800, data de publicação da *Memória*, e 1818, data em que Dantas Pereira escreve a Pinheiro Ferreira, foram publicadas muitas obras que um marinheiro cosmopolita como o primeiro teria conhecido eventualmente: Hogg, *British Mariner's Encyclopaedia or, a New Universal and Complete Naval Dictionary* (Londres, 1801); Moore, *The British Mariner's Vocabulary, or Universal dictionary of technical terms and sea phrases used in the construction, equipment, management and military operations of a ship* (Londres, 1801) e *The mariner's dictionary, or, American seaman's vocabulary of technical terms, and sea phrases, used in the construction, equipment, management, and military operations, of ships and vessels of all descriptions* (Washington, 1805); Falconer, *An Universal Dictionary of the Marine* (Londres, 1802) e *The mariner's new and complete naval dictionary* (Londres, 1804); Romme, *Dictionnaire de la marine anglais* (Paris, 1804); Norie, *Falconer improved and modernized. The mariner's new and complete Naval Dictionary* (Londres, 1805); Lhuillier e Petit, *Dictionnaire des termes de marine français-espagnols et espagnols-français* (Paris, 1810); Lantsheer e Twent, *Dictionnaire des termes de marine français, recueillis et traduits en termes techniques hollandais et en partie en anglais* (Haia, 1811); del Nobolo, *Nuovo dizionario tascabile di marina italiano-inglese* (Messina, 1811); Roebuck, *An English and Hindostanee naval dictionary of technical terms and sea phrases* (Calcutá, 1811); de la Coudraye, *Dictionnaire de Marine* (S. Petersburgo, 1812); Stratico, *Vocabolario di Marina in tre Lingue* (Milão, 1813-1814); den Hengst e van Cleef, *Naval dictionary, or collection of Dutch technical words and terms, translated into French and English, for the use of officers and seafaring people* (Haia, 1813); Burney, *A New Universal Dictionary of the Marine* (Londres, 1815); Röding, *The Universal Marine Dictionary, Spanish and English* (Hamburgo, 1815). Em português surgiria em 1823, de Costa Campos, *Vocabulário marujo: ou Conhecimento de todos os cabos necessários ao navio; do seu políame, e de todos os términos marujais, e de alguns da construção naval, e artilheria; de indispensável conhecimento do oficial do mar* (Rio de Janeiro, 1823).

números em linha seguida lhe faria merecer melhor o nome *Pocket*. E mais ainda se houvessem outras atenções.

Alguns poderão cuidar que o Sr. Neumann é meu predecessor em parte deste projecto. Como em tal caso me julgaria lesado, cumpre-me emitir o que sinto a este respeito. Se o Sr. Neumann parece ter a primazia em referir as palavras a números, o Sr. Northmore, de quem abaixo falaremos, não lhe cede seguramente o lugar incontestável que lhe compete em quanto a esta descoberta. Se o Sr. Neumann me é anteposto em quanto à base da minha escrita pasigráfica, direi que nela a cada voz ou frase não corresponde um mesmo número em todas as línguas que pondera, mas sim tantos quantas são estas. Ora, já daqui resulta assaz diferença. Demais, os termos ingleses são referidos à numeração romana e portanto só indicados pela árabe quando precede a correspondente advertência. Enfim, recai sobre um objecto particular muito mais ténue sem indicar pressentimento de outro maior uso, e recai de tal modo que se fosse generalizado sem modificação, sairia muito mais longo e confuso do que o meu projecto, em cuja execução e bases se encontram aliás outras muitas, e não pouco, atendíveis diferenças.

NOTA 5

Seria melhor numerar primeiro, segundo a série proposta, os monossílabos, depois os dissílabos, trissílabos, etc.? Num e outro caso teria sempre lugar a pequena atenção que mencionamos abaixo no exemplo prático, além de outras ao depois referidas.

NOTA 6

Assaz claro é que o concurso de bem poucas pessoas numa só nação bastaria, não menos, para empreender e terminar este negócio tão útil a todas. Estas, por não baldarem tempo e despesas, adoptariam imediatamente os trabalhos da primeira.

NOTA 7

Não deixo de notar que às duas línguas referidas têm ido os autores clássicos buscar os nomes que, por assim dizer, constituem os vocabulários científicos. Mas destes nem preciso, concluído o projecto que proponho. E, por outra parte, os nomes dos instrumentos, e manipulações mais vulgares, nem são da jurisdição dos referidos vocabulários, nem se encontram fora das línguas vivas, assim como imensos produtos naturais ainda não classificados. Demais, podemos desde já aproximar a língua francesa à estabilidade actual da grega ou latina, seguindo o excelente projecto de dicionário devido ao Sr. Diderot. E, assim, desapareceria mais um dos motivos que mostram vantajoso o recurso, ou à língua grega, por mais expressiva, rica e harmoniosa, ou à latina por mais vulgar. Em quanto àqueles termos estrangeiros que no idioma francês não tivessem equivalentes, caso possível, pois que cada nação tem feito e fará sempre progressos distintos, e muitas vezes considera sim o mesmo objecto, mas por diferentes lados (o que necessariamente recai sobre a linguagem que, como índice de tais coisas, o é ao mesmo tempo assim do estado de qualquer nação em diferentes épocas da sua existência, como daquele que lhe compete relativamente às outras nações coevas), estes termos, digo ainda, estranhos de todo à língua francesa, adoptar-se-iam assim como outros muitos que transmigram junto com as novas ideias que noticiam, adopção que tanto tem enri-

quecido a língua inglesa. Outros haverá com sinónimos franceses só pelo que respeita a ideia principal que designam. Em tal caso, exemplos a propósito extraídos dos bons autores⁵⁵ mostrarão com bastante clareza a parte convergente e a divergente dos dois sinónimos. Ora, estes embaraços, além de se apresentarem raros nas correlações menores e mais gerais que consideramos, além de não se dever julgar a investigação deles como um trabalho de pouca ou desproporcionada utilidade em as maiores, tem lugar igual na composição daqueles dicionários destinados a mostrar conhecimentos de um toque mais do que ordinário. Em fim, é claro que prefixadas as raízes poderemos, sem referência a outro idioma, definir os derivados delas por meio delas mesmas. Note-se que suposta esta base, como os números pasigráficos são todos referidos a ela, resultará uma unidade portentosa na inteligência da escritura formada com eles. E desta emanarão consequências da maior utilidade que bem se deixam perceber.

NOTA 8⁵⁶

Que também temos a vantagem de poder confrontar com as enciclopédias e mais vocabulários científicos escritos na mesma linguagem, com toda a extensão e merecimento, não esquecendo o dicionário do Sr. Gebelin⁵⁷.

⁵⁵ Está aqui presente uma ideia de cânone. Dantas Pereira não define o que é um bom autor. A ideia de cânone tinha apenas trinta e dois anos à data da publicação da *Memória*. Como informa Rudolf Pfeiffer, a palavra grega utilizada para os repertórios completos mas não selectivos das obras literárias era πίνακες. Apenas em 1768 é que o termo 'cânone' surgiu com o sentido de lista selectiva de obras literárias, nomeadamente no texto *Historia critica oratorum Graecorum*, numa edição de Rutilus Lupus feita por David Ruhnken. Ver, de Pfeiffer, *Historia de la filología clásica*, vol. 1 (Madrid, Gredos, 1981), p. 370. O aspecto normativo da ideia de cânone adequa-se bem à cultura da segunda metade do século XVIII, com os seus projectos de sistemas de mensuração universais, línguas perfeitas, sistemas rápidos de tradução, urbanismo racional, sistemas políticos mais perfeitos do que os legados pela tradição, etc.

⁵⁶ Esta nota não tem numeração no original. É indicada no texto através de um parêntesis com a letra 'a'. É provável que se trate de um erro na composição tipográfica do texto.

⁵⁷ Antoine Court de Gébelin (1725-1784), filólogo francês defensor do protestantismo e da independência da América, é autor de *Les Lettres toulousaines* (1763), *Affaires de l'Angleterre et de l'Amérique* (1776), *Le Monde primitif, analysé et comparé avec le monde moderne* (1773-1784), *Essai sur la chronologie* (s/d), *Lettre à l'auteur anonyme de deux prétendus extraits insérés dans le Journal des Savans des mois de Nov. et Déc. 1773, publiés contre le plan général et raisonné du Monde primitif analysé et comparé avec le monde moderne et contre les Allégories orientales* (Paris, 1774), *Allégories orientales, ou le fragment de Sanchoniaton, qui contient l'histoire de Saturne, suivie de celles de Mercure et d'Hercule, avec leur explication, pour servir à l'intelligence du génie symbolique de l'Antiquité* (Paris, 1777, 2.^a ed.), *Lettre de l'auteur du Monde primitif* (Paris, 1783), *Histoire naturelle de la parole, ou Grammaire universelle à l'usage de jeunes gens* (Paris, 1816). As *Allégories orientales* foram traduzidas para alemão e prefaciadas pelo misterioso Adam Weishaupt, *Saturn, Mercur und Hercules* (Regensburgo, 1789).

NOTA 9⁵⁸

Suponhamos, para maior inteligência, que um português ignorante do alemão se encontra e pretende entender-se na Alemanha com um indivíduo que somente sabe aquele seu idioma. Por meio do vocabulário universo-alemão escreverá no mesmo alemão (é certo que mal, porém, inteligivelmente, que é quanto se pretende), se não for objecto de uma, ou duas palavras, que por intermédio do número índice vá procurar no vocabulário, onde logo as mostre escritas ao tal sujeito. Este escreve-lhe a resposta, sendo assim preciso, da qual passará aos números, ou escrita pasigráfica, servindo-se do vocabulário germano-universal. E, ou pára aqui, se pelo uso a entender, ou com toda a facilidade a converte em português usando do vocabulário universo-lusitano. Se um e outro souberem manejar a escritura pasigráfica ainda melhor se combinarão. Em ambos os casos, os três vocabulários unidos ao lusitano-universal podem existir separados em dois volumes ou também formarem um só, conforme parecer mais cómodo. Em ambos farão os mesmos vocabulários as vezes e o lugar de intérpretes, seguramente mudos para o segredo e prontos, tanto como próprios, a intervir na inteligência recíproca de quem os empregar. Se, enfim, notamos quão fácil é indicar por acções um número qualquer, concluiremos também quão fácil será que desta linguagem combinada com a pasigráfica resulte instantânea inteligência entre os indivíduos que dela usarem.

NOTA 10

Escusado é advertir também o uso que o projecto exposto poderia ter quando se tratasse de quaisquer traduções.

NOTA 11

Com efeito, quanto viriam a diminuir de volume os pequenos e, por isso, mais vulgares dicionários? Quanto o mesmo número deles seria reduzido? Actualmente, o português que pretenda traduzir e escrever nas línguas inglesa, francesa e alemã tão somente carece de obter dicionários por cuja intervenção se passe daqueles idiomas ao português e vice versa. Dificuldade até invencível. Dirão, porém, que tendo o dicionário português-francês com os cinco francês-português, inglês-francês e francês-inglês, alemão-francês e francês-alemão, que mais facilmente encontrará, conseguiria outro tanto. Convenho. Mas, quem não vê neste mesmo caso seis dicionários feitos sem seguir uma única escala e portanto diversamente faltos? Exigindo maior inteligência das línguas que encerram do que os do nosso projecto e menos cómodos por mais volumosos? Quem não vê que, por exemplo, o dicionário universo-lusitano é um para todas as nações, enquanto que o francês-português o é somente para quem souber a língua francesa? Finalmente, quem não vê que todos os dicionários de qualquer nação poderão ser reduzidos aos únicos dois universo-nacional e naciono-universal? Demais, se a um mesmo número, em um mesmo

⁵⁸ Esta nota tem no original o número 8. Como já se explicou, a numeração foi uniformizada. Todas as notas a partir desta têm um número a mais em relação ao texto original.

dicionário, fizermos corresponder os equivalentes de línguas diversas, quantos vocabulários nos poupará este único? Notaremos ainda, em último lugar, que na língua base o dicionário universo-nacional é ao mesmo tempo naciono-universal, donde resulta a diminuição geral de um dicionário. Além de que o valor vocal de cada número para quantos souberem a dita língua tem mais por índice a sua posição relativa no dicionário dela, posição assaz fácil de conservar e referir muito proximamente apenas houver algum uso.

NOTA 12

Os números correspondentes aos pronomes e preposições inculcariam bem as pessoas e os casos nas conjugações dos verbos e nas declinações dos nomes. Em quanto aos tempos daqueles, poderíamos ou empregá-los sempre no infinitivo, dando à frase a modificação precisa, ou indicá-los por meio de números a isso dedicados, ou, aliás, introduzir como auxiliar para este fim um verbo numerado que os designe à semelhança da língua inglesa, ou como enfim se pode praticar bem singelamente, visto que em Condillac temos já demonstrada muito por extenso a verdade «que todos os verbos podem ser reduzidos ao simples *ser*, acompanhado dos participios activo ou passivo daquele que ordinariamente usamos». O exemplo abaixo referido mostrará qual sistema julgamos preferível.

NOTA 13

Contudo, não se entenda que julgo mesmo provável a total introdução de uma linguagem universal. Ainda quando os governos, decidindo-se, tomassem o caminho indicado na Nota 3, por mais próprio a conseguir aquele fim, aconteceria como na Biscaia, Galiza, Catalunha, etc. A gente polida falaria a língua prescrita, o povo conservaria a sua. O clima, o grau de civilização e saber, as circunstâncias locais e pessoais, assim exteriores ao homem como inerentes a ele, prosseguiriam de mãos dadas com a diversidade de interesses civis e políticos, influindo sobre o idioma adoptado, o qual, longe de conservar mesmo a sua generalidade, voltaria, por assim dizer, ao estado de individual em que hoje o vemos, porquanto os sábios concorressem a conservá-lo intacto em seus escritos.

Com efeito, não julgo paradoxo afirmar o que estamos notando diariamente e que a razão mostra com tanta evidência, atendidas as causas físicas e morais que de necessidade tendem a fazer variar os idiomas. Cada indivíduo fala, por assim dizer, uma língua particular mais conveniente à estrutura física dos seus órgãos vocais, mais parecida com os da sua condição e vizinhança, menos com os seus iguais de outros territórios, menos ainda com as das condições superiores, e assim por diante até chegar aos entes primeiros da nação, e destes passar para os estrangeiros. Talvez que os dialectos dos diferentes indivíduos de uma nação sejam reputados idênticos, assim como julgamos iguais pinturas muito parecidas que, sendo realmente diversas, não o são tanto que as diferenças se nos tornem sensíveis. As nações entre si consideradas estão em certo modo como os particulares de cada uma comparados entre si. Portanto, se estas causas influem e não podem deixar de existir, como affiançaremos a conservação de um idioma universal, quanto mais a introdução de um novo para ser depois conservado?

Embora o Sr. Jenisch faça ver ao Sr. Girard⁵⁹ que pode possuir não somente seis, mas catorze línguas diversas e a ponto de comparar profundamente os autores clássicos delas entre si; embora este mesmo facto pareça tornar duvidoso o que referimos sobre a possibilidade de possuir mais de uma língua com a última perfeição, tributando, por isso, ainda agora, particulares elogios ao Sr. Adelung⁶⁰ que preferiu tratar com tanto esmero do aumento e correcção da língua alemã, seu natalício idioma.

Embora o Sr. Gebelin, pondo em actividade o seu vasto saber, pretenda elevar-se desde a análise dos órgãos vocais à dos sons diferentes que eles podem, subministrar, principiando pelos mais símplices e universais até finalizar com aqueles compostos e de convenção mais próximos que, substituídos entre si, produziram as diversas línguas existentes, e de cujo conhecimento, aliás, bem ponderável, deve resultar que alternadas e invertidas as substituições passemos de uns a outros

⁵⁹ Abbé Gabriel Girard (1677-1748) é autor de *La justesse de la langue françoise, ou les differentes significations des mots qui passent pour synonymes* (Paris, 1718, 1999), *Synonymes françois* (Paris, 1736, 1740, 1762, 1767, 1769, 1780, 1783, 1797, 1802), *Les vrais principes de la langue françoise ou la parole reduite en methode conformement aux lois de l' usage* (1747, 1982).

⁶⁰ O erudito alemão Johann Christoph Adelung (1732-1806) é autor de *Auserlesene Staatsbriefe hoher Potentaten* (1763-1764), *Versuch einer neuen Geschichte des Jesuiten-Ordens von dessen ersten Stiftung an* (1770), *Auszug aus der deutschen Sprachlehre für Schulen* (1781), *Versuch einer Geschichte der Cultur des menschlichen Geschlechts* (1782), *Vollständige Anweisung zur deutschen Orthographie* (1788, 1790, 1820, 1978), *Älteste Geschichte der Deutschen, ihrer Sprache und Litteratur bis zur Völkerwanderung* (1806), *Auszug aus dem grammatisch-kritischen Wörterbuche der Hochdeutschen Mundart* (1793-1802), *Deutsche Sprachlehre* (1781), *Über die Geschichte der deutschen Sprache* (1781), *Entwurf einer unter der Aufschrift: Denkwürdigkeiten Europens* (1764), *Gallerie der neuen Propheten und Revolutionsprediger* (1799), *Geschichte der menschlichen Narrheit, oder Lebensbeschreibungen berühmter Schwarzkünstler, Goldmacher, Teufelsbanner, Zeichen- und Liniendeuter, Schwärmer, Wahrsager, und anderer philosophischer Unholden, Geschichte der Philosophie für Liebhaber* (1786-1787), *Geschichte der Schiffahrten und Versuche welche zur Entdeckung des nordöstlichen Weges nach Japan und China von verschiedenen Nationen unternommen worden* (1768), *Grammatisch-kritisches Wörterbuch der Hochdeutschen Mundart* (1793-1801, 1811), *Jacob Püterich von Reicherzhausen* (1788), *Klagen* (1762), *Kleines deutsches Wörterbuch* (1824), *Kleines Wörterbuch der deutschen Sprache für die Aussprache, Rechtschreibung, Beugung und Ableitung* (1834), *Kleines Wörterbuch für die Aussprache* (1790), *Kurzer Begriff menschlicher Fertigkeiten und Kenntnisse, so fern sie auf Erwerbung des Unterhalts, auf Vergnügen, auf Wissenschaft, und auf Regierung der Gesellschaft abzielen, Kurzgefaßte Geschichte der Streitigkeiten der Herzöge von Holsteingottorp mit der Krone Dänemark* (1762), *Magazin für die Deutsche Sprache, Mithridates oder allgemeine Sprachenkunde* (1806-1817), *Neues grammatisch-kritisches Wörterbuch der Englischen Sprache für die Deutschen, Neues vollständiges Taschen-Wörterbuch der deutschen Sprache* (1826), *Pragmatische Staatsgeschichte des letztern Krieges bis auf den Hubertsburg Frieden* (1767), *Pragmatische Staatsgeschichte Europens von dem Ableben Kaiser Carls 6 an bis auf die gegenwärtigen Zeiten, Schauplatz des baierischen Erbfolgs-krieges, Über den Deutschen Styl* (1785, 1787, 1800, 1822).

idiomas. Além do que, desenvolvidas e depuradas todas, dariam em última análise a língua primitiva, por isto mais capaz de ser universalizada.

Embora o Sr. Adam Smith⁶¹ exerça a suma inteligência e sagacidade analisando os esforços de abstracção e análise que o nosso entendimento deveria efectuar na invenção das palavras, pôde obter a gradação segundo a qual foram talvez inventadas as raízes, e destas ir derivando e subderivando as suas póstumias respectivas.

Embora o Sr. Garat⁶² encontre no dialecto biscainho⁶³ um apoio mais às opiniões do célebre filólogo inglês.

Embora pareça, enfim, que a generalidade actual das interjeições e acentos das palavras infantinas, onomatopeias e universalmente adoptadas, constitui outros tantos passos para uma linguagem comum, o célebre instituidor francês⁶⁴ do método de ensinar os surdos e mudos, intervindo uma bem ordenada linguagem

⁶¹ Adam Smith (1723?-1790) é autor de *The Theory Of Moral Sentiments, Or, An Essay towards an Analysis of the Principles by which Men naturally judge concerning the Conduct and Character, first of their Neighbours, and afterwards of themselves, To Which Is Added A Dissertation on the Origin of Languages* (Londres, 1759, 1761, 1853, Nova Iorque, 1966); *A dissertation on the origin of languages or considerations concerning the first formation of languages and the different genius of original and compounded languages*, ed. E. Coseriu e A. Rosmini (Tubinga, 1970); e de *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations* (1776).

É provável que Dantas Pereira tenha lido a tradução de Condorcet e Grouchy, recente à época de publicação da *Memória, Théorie des sentimens moraux, ou Essai analytique sur les principes des jugemens que portent naturellement les hommes, d'abord sur les actions des autres, et ensuite sur leurs propres actions, suivie d'une dissertation sur l'origine des langues* (Paris, 1798).

⁶² O Conde Dominique-Joseph Garat (1749-1833) é autor de *Éloge de Charles de Sainte-Maure, duc de Montausier* (Paris, 1781), *Éloge de Bernard de Fontenelle* (Paris, 1784), *Considérations sur la révolution française* (Paris, 1792), *Mémoires historiques sur la vie de M. Suard, sur ses écrits, et sur le XVIIIe siècle* (Paris, 1820). Thomas Carlyle imortalizou-o numa das páginas de *The French Revolution: A History*, vol. 3 (Londres, The Folio Society, 1989), p. 99, ao descrever a cena em que Garat, na qualidade de Ministro da Justiça, comunica a Luís XVI a sua execução.

Intelectual do processo revolucionário francês, Garat tinha tudo para não fazer parte das afinidades electivas de um monárquico conservador como Dantas Pereira e para não ser citado por este. A excepção é, obviamente, o interesse comum na reforma das línguas naturais e na pasigrafia. No discurso ao *Conseil des Anciens*, de 1798, Garat fez um importante elogio ao programa pasigráfico de Joseph de Maimieux, *Corps législatif: Conseil des Anciens: discours de Garat sur l'hommage fait aux Conseil des Anciens des premières strophes du «Chant de départ» écrites avec les caractères pasigraphiques* (Paris, sèance du 13 nivôse, an VII, i.e. 1798).

⁶³ Dominique-Joseph Garat, *Origines des Basques de France et d'Espagne* (Paris, Hachette, 1869).

⁶⁴ Charles-Michel de l'Épée (1712-1789) é autor da *Institution des sourds et muets, par la voie des signes méthodiques: ouvrage qui contient le project d'une langue universelle, par l'entremise des signes naturels assujettis à une méthode* (Paris, Nyon l'ainé, 1776) e de *La véritable manière d'instruire les sourds et muets, confirmée par une longue expérience* (Paris, Nyon l'ainé, 1784).

de acção, viu nesta bases mais comuns e numerosas entre os homens. Conjecturou, pois, com mais razão que ela poderia vir a ser universal e, talvez, considerado por outra parte o seu projecto, pelo qual a humanidade lhe é aliás tão devedora, nunca obterá a dita universalidade, e obtida, somente abrangerá as relações daqueles que se avistam.

Mas, voltando ao nosso assunto mais estritamente, suponhamos concluído o enorme trabalho do conhecimento do génio particular de cada língua, terminado o enormíssimo trabalho da comparação de todas. Declarada uma universal ou extraída de entre todas a que deva ser adoptada, sobrevirá o tempo acompanhado com o cortejo infalível das causas variantes e tudo mudará. A minha tese, porém, permanece e, se fosse provável, outra vez o digo, [para] a esperança de obter aquele fim, uma escritura pasigráfica seria excelente preliminar e [o] melhor [por ser] a mais adoptável. O objecto mesmo da *Memória* mostra como estou longe de crer que se passe além do seu fim, a cujo bom e útil êxito não me aparecem opostos tantos obstáculos.

NOTA 14

Justamente aqueles que o Sr. Girard chama *análogos* porque a sua sintaxe segue a ordem analítica e, portanto, marcham analogamente, em o que não convêm com os *transpositivos*, nem uniformes como o alemão, nem livres como o latim e o grego. Todos, sim, pintam os mesmos objectos, mas aqueles diferem só no colorido, estes variam também nas atitudes e desenho.

NOTA 15

Será preciso que também note aqui a enorme usura que cada nação retiraria deste contrato vantajosíssimo a todos?

NOTA 16

João Wilkins⁶⁵, bispo de Chester, cunhado de Cromwell⁶⁶, sogro de Tillotson⁶⁷, morto em 1672, receberá na presente nota os respeitos da nossa veneração parti-

⁶⁵ Sobre John Wilkins (1614-1672), vide L. Couturat e L. Leau, «Wilkins», *Histoire de la Langue universelle* (Paris, Hachette, 1907), pp. 19-22; Dorothy Stimson, «Dr. Wilkins and the Royal Society», *The Journal of Modern History*, III: 4 (1931), pp. 539-563; F. Christensen, «J. Wilkins and the Royal Society's reform of prose style», *Modern Language Quarterly*, 7 (1946), p. 179; Clark Emery, «John Wilkins' universal language», *Isis*, 38 (1947), pp. 174-185, e «John Wilkins and Noah's Ark», *Modern Language Quarterly*, 9 (1948), pp. 286-291; Jorge Luis Borges, «El idioma analítico de John Wilkins», in *Otras Inquisiciones* (Barcelona, Émecé, 1989 [Buenos Aires, 1952]), pp. 84-87; Benjamin DeMott, «Science versus mnemonics: notes on John Ray and on John Wilkins' *Essay toward a real character, and a philosophical language*», *Isis*, 48: 151 (1957), pp. 3-12, e «The sources and development of John Wilkins' philosophical languages», *Journal of English and Germanic Philology*, 57 (1958), pp. 1-13; Otto Funke, «On the sources of John Wilkins' philosophical language», *English Studies*, 40 (1959), pp. 208-214; Barbara J. Shapiro, *John Wilkins: An Intellectual Biography 1614-1672* (Berkeley, University of California Press, 1969); Vivian Salmon, «John Wilkins' *Essay* (1668): critics and continuators», *Historiographia Linguística*, I: 2 (1974), pp. 147-163; J. L. Subbiondo, «John

cular por ter a sua casa servido como de solo natalício à Sociedade Real de Londres⁶⁸, corporação hoje tão célebre e para sempre acreedora à gratidão do homem.

NOTA 17

Por exemplo, que 11 mais baixo e antes ou depois indicasse todos os derivados adverbiais, ou destinados a servir de advérbios, etc. Ora, em última. análise, os derivados são abreviaturas interessantes e precisas que representam as raízes com certos acessórios mas, por isso mesmo, se antes quisermos na escritura pasigráfica usar da circunlocução equivalente, estender-se-á o discurso e far-se-ia um pouco mais estranho pelo desuso, mas quem duvidará da possibilidade de um tal facto? Posto assim em prática efectiva este método de escrever pasigraficamente, se o julgássemos superior ao proveniente das regras mencionadas, quanto diminuiriam os vocabulários e números pasigráficos? Atentando bem sobre estas e as mais regras da presente escritura pasigráfica, é de reflectir quanto a sua parte mecânica, por assim dizer, se assemelha ao árabe e o seu génio ao da língua inglesa. Língua que o Sr. Jenisch, em uma *Memória* premiada pela Academia de Berlim⁶⁹ no ano de

Wilkins' theory of meaning and the development of a semantic model», *Cahiers Linguistique d' Ottawa*, 5 (1977), pp. 41-61; David F. Cram, «George Dalgarno on Ars signorum and Wilkins' Essay», in K. Koerner, ed., *Progress in Linguistic Historiography* (Amsterdão, Benjamins, 1980), pp. 113-121; e S. Clauss, «John Wilkins' *Essay Toward a Real Character*: its place in the seventeenth-century episteme», *Journal of the History of Ideas*, XLIII: 4 (1982), pp. 531-553.

⁶⁶ Em 1656, Wilkins casou-se com a irmã mais nova de Oliver Cromwell (1599-1658), estadista inglês que comandou as forças do Parlamento durante a Guerra Civil Inglesa contra o Rei Carlos I.

⁶⁷ John Tillotson (1630-1694), Arcebispo de Cantuária desde 1691. Em 1689 tornou-se membro da comissão da revisão do *Book of the Common Prayer* e dos Cânones. Nessa qualidade tentou eliminar o credo de Santo Atanásio e divulgar a doutrina da eucaristia de Zuínglio (i.e. Huldrych Zwingli), sem sucesso. Os seus *Sermões* foram reunidos por R. Barker em 14 vols. (1695-1704).

⁶⁸ O nome completo é o de Royal Society of London for the Promotion of Natural Knowledge e foi fundada por carta régia de Carlos II, em 28 de Novembro de 1660, dois anos depois da morte de Cromwell. Teve início com pequenos grupos informais que se reuniam para discutir assuntos científicos, em Cambridge, Londres e Oxford, desde 1640. Os encontros de Oxford começaram por ter lugar numa farmácia para logo depois acontecerem na casa dos Wilkins. Entre os fundadores e primeiros sócios encontravam-se John Wilkins, Joseph Glanvill, John Wallis, Robert Hooke e Christopher Wren. A sua publicação oficial é a revista *Philosophical Transactions* que é publicada desde 1665. Cf. Maurice Daumas, «Esboço de uma história da vida científica», in M. Daumas, ed., *As Ciências: Panorâmica Geral*, vol. I (Lisboa, Arcádia, 1966), pp. 133-138.

⁶⁹ A Academia de Berlim foi fundada em 10 de Julho de 1700. Leibniz foi o seu primeiro presidente e autor do seu plano de actividades. Porém, devido a dificuldades financeiras ligadas à construção do Observatório, apenas a 19 de Janeiro de 1711 é que a Academia se reuniu pela primeira vez, se bem que no ano anterior tivesse aparecido o primeiro volume da *Miscellanea Berolinensia*. A Academia de Berlim foi antecedida na Alemanha pelos encontros do *Collegium naturae curiosorum*, talvez de 1652, e da *Accademia Caesaro-Leopoldina naturae curiosorum*, duas décadas posterior, que tinha o patrocínio do Imperador Leopoldo. Cf. Maurice Daumas, *op. cit.*, pp. 146-149.

1796⁷⁰, acaba de pôr à testa das catorze, grega, latina, italiana, alemã, polaca, lituana, russa, sueca, dinamarquesa, inglesa, holandesa, francesa, espanhola e portuguesa, como mais rica, breve e precisa, colocando aliás o grego em supremo grau, como quem reúne mais eminentemente as qualidades que em tais objectos decidem do merecimento relativo, como são riqueza, energia, rapidez, clareza, eufonia e perfeição, tanto na escala como na analogia das derivações de cada raiz. Parecerá, pois, que o nosso idioma base devera antes ser a língua inglesa⁷¹. E, com efeito, propendera para este lado, a não julgar de maior peso as razões que me decidem pela francesa. Também não posso deixar de ver em a nossa escritura pasigráfica uma prova mais da asserção do respeitável Adam Smith sobre as línguas em geral, a saber, que as mais simples nas declinações e conjugações produzem menos rapidez e clareza nas composições e vice-versa. Acaso, porém, ter-me-ei eu decidido por parte menos boa?

NOTA 18

Não me esquece que neste sistema assim como no de numerar primeiro os monossílabos, depois os dissílabos, etc., encontraríamos mais vantajosos à língua base os dois dicionários universo-nacional e naciono-universal. Porém, estes, semelhantes aos da língua grega que diferenciam as raízes mostrando-as em carácter maior, diferenciá-las-iam mostrando-as em números isolados e símplies. Além do

⁷⁰ Dantas Pereira refere-se à obra de Daniel Jenisch (1762-1804), *Philosophische Vergleichung und Würdigung von vierzehn ältern und neuern Sprachen Europens* (1796), publicada no mesmo ano de *Über Grund und Werth der Entdeckungen des Herrn Professor Kant in der Metaphysik, Moral und Aesthetik*. Para além destas obras, Jenisch é autor de *Über Menschenbildung und Geistesentwicklung* (1789), *D. M. Josephi Secundi. Dem Geist Josephs des Zweytan* (1791), *Die Ethik Aristoteles in zehn Büchen* (1791), *Geist und Sitten der Vorzeit in komischen Erzählungen* (1792), *Threnodie auf die französische Revolution* (1794), *Sollte Religion dem Menschen jemals entbehrlich werden?* (1797), *Über die Eigenthümlichkeiten von Meisters Lehrjahren* (1797), *Litterarische Spiessruthen oder die hochadligen und berühmten Xenien* (1797), *Diogenes Laterne* (1799), *Obelisk an der Gränzscheide des achtzehnten und neunzehnten Jahrhunderts* (1801), *Aesthetisch-kritische Parallele der beyden größten Redner des Alterthums, Demosthenes und Cicero* (1801), *Theorie der Lebens-Beschreibung* (1802), *Beleuchtungen des weise-nährischen und nährischen Menschengeschlechts* (1802), *Kritik des dogmatischen, idealistischen und hyper-idealistischen Religions- und Moral-Systems* (1804), *Über Gottesverehrung und kirchliche Reformen* (1816).

⁷¹ Ainda antes dos anos de ouro do Império Britânico, que tornariam a língua inglesa numa língua planetária, Dantas Pereira revela na preferência por esta língua a profundidade com que analisou os méritos relativos de cada língua natural. A decisão final pelo francês não se deve à bondade intrínseca desta língua mas ao detalhe de, circunstancialmente, à data em que escreve, ser a língua europeia mais estudada e melhor dicionarizada. É, pois, *contra* a sua preferência que elege o francês como base do projecto pasigráfico. Como se verifica pelo número de citações que faz de textos ingleses na *Memória*, o seu gosto pessoal inclina-se para a língua inglesa.

que resultaria para a escritura pasigráfica uma fácil e notável igualdade de escala e analogia em quanto aos mesmos derivados de cada raiz, [o] que lhe constituiria por este lado um merecimento particular e talvez se difundisse a todos os idiomas que dela formassem o seu nexu comum.

30 de Maio de 1800

FIM

Resumo:

Este artigo publica o texto *Memória sobre um Projecto de Pasigrafia* que o matemático português José Maria Dantas Pereira (1772-1836) publicou em 1800, em Lisboa. Esta edição procura tornar esse texto mais acessível a leitores contemporâneos, identificando todas as referências eruditas que cita e actualizando a ortografia e sintaxe do texto. São feitos comentários ao texto de modo a salientar a notável originalidade de alguns argumentos.

Abstract:

This paper publishes the text *Memory about a Project of Pasigraphy* that the Portuguese mathematician José Maria Dantas Pereira (1772-1836) published in 1800, in Lisbon. This edition has as its main goal to create a version of the text easily readable by a contemporary audience, identifying all its erudite references. The orthography and syntax of the text are up-to-dated. A small number of commentaries are made about the text, highlighting the remarkable creativity of its main arguments.